LIBRARY OF PRINCETON
JUN 10 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BX1970.A1 L513

Revista gregoriana.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/revistagregorian8471inst

Revista GREGORIANA

ANO VIII
etembro - Outubro
1961

LAB

47

O Canto na Oração da Igreja 2

D. JOÃO EVANGELISTA ENOUT O.S.B.

O Canto do "Credo" 5

D. JOÃO EVANGELISTA ENOUT O.S.B.

'Mater et Magistra" 11

Brasil — Ward 19

Crônica sôbre o III.º Curso Nacional de Música Sacra 25

Crônicas Radiofônicas (D. J. E. E.) *À margem dos fatos. Palavras de Deus, palavras dos homens. O Evangelho dos lírios e dos pássaros. À procura do reino de Deus* 28

Vida do Instituto Pio X 48

Livros em Revista 52

REVISTA GREGORIANA

(Reg. n.º 864)
(Edição portuguesa da Revue Grégorienne de Solesmes
Diretores: D. J. Gajard e A. Le Guennant)

Sagrada Escritura — Canto Gregoriano — Liturgia — Espiritualidade, Método Ward.

ORGÃO DO
INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

Diretor: D. João Evangelista Enout O.S.B.
Vice-Diretor: Irmã Marie-Rose Porto O.P.

RUA REAL GRANDEZA, 108 — BOTAFOGO — TEL. 26-1822

* — Tudo que se refere à REDAÇÃO ou à ADMINISTRAÇÃO (assinaturas, mudanças de endereço, reclamações etc...) deve ser endereçado à Diretoria do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO, Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo, RIO DE JANEIRO.

* — ASSINATURA ANUAL (Janeiro a Janeiro). — Tiragem bimestral. — Para o Brasil: Cr$ 200,00. — Para o Estrangeiro: Cr$ 250,00. — Número avulso: Cr$ 30,00. — Via aérea: Cr$ 250,00. Mudança de endereço: Cr$ 10,00.

* — A REVISTA GREGORIANA é enviada, por direito, aos Sócios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO.

* — Os pagamentos são feitos por Vale Postal ou cheque, em nome da Diretoria do INSTITUTO PIO X — Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo — Rio de Janeiro. (É grande favor endereçar para a AGÊNCIA do CORREIO de BOTAFOGO). O cheque bancário pagável no Rio.

* — Inscrevam-se como Sócios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO; serão sempre avisados sôbre tôdas as suas atividades (aulas de liturgia, conferências, Missas Cantadas, etc.) e do movimento gregoriano em geral; darão um grande auxílio à irradiação da Obra Gregoriana no Brasil. Esperamos de sua caridade a inscrição como :

Sócio Titular — CR$ 200,00 por ano;
Sócio Protetor — CR$ 300,00 por ano;
Sócio Fundador — CR$ 1.000,00 por ano;
Sócio Benfeitor — CR$ 2.000,00 por ano... ou mais.

* — Assim também a Revista "PERGUNTE e RESPONDEREMOS". Assinatura: Cr$ 200,00, Via aérea Cr$ 250,00 — Para o Estrangeiro: Cr$ 250,00 — Número avulso: Cr$ 20,00 (atrazado: Cr$ 25,00) — Mesmo endereço acima.

DEO NOSTRO SIT JUCUNDA DECGRAQUE LAUDATIO

MATER ET MAGISTRA

convida a ação social dos cristãos a se tornar
pela JUSTIÇA e pela CARIDADE

a manifestação luminosa no mundo
da LIBERDADE DOS FILHOS DE DEUS,

daqueles que aprenderam com o CRISTO
o segrêdo de um CANTICO NOVO.

O Canto na Oração da IGREJA

(De uma crônica do Mosteiro "Regina Laudis")

"...UMA semana depois, recebemos dom Gajard, diretor de côro de Solesmes, para uma curta mas proveitosa visita. Uma longa aula de canto na tarde de sua chegada, outra durante o recreio e finalmente outra depois da Missa do dia seguinte, foi tudo o que o tempo permitiu.

Entretanto sentimos que aquelas três intensas aulas deram muito para desenvolver nossa percepção tanto do espírito quanto dos segrêdos técnicos do canto gregoriano. A oração total *da Igreja não é sòmente aquela que está contida nos textos do Missal e do Breviário; ela se compõe, antes, dêstes textos em conjunção com as melodias* do Gradual e do Antifonário

A oração da Igreja em sua plenitude é uma oração cantada. O canto gregoriano forma realmente um comentário dos textos; nêste sentido, não é sòmente um instrumento para embelezar a oração falada, nem, como música, é só uma linguagem do amor. É tudo isso, mas muito mais; é a interpretação de todos aqueles textos feita pela Igreja. Isto é talvez uma questão de tradição com "t" minúsculo e

com poucas — ou nenhuma — deduções doutrinárias. Mesmo assim, a autoridade desta tradição não é mera questão de ponto de vista e deve orientar-nos em nosso estudo do Canto.

Êsse estudo tem uma tríplice função: primeiro, produzir alguma coisa de extremamente bela; segundo; consequentemente, além do amor, ofereceremos a Deus tôda a beleza; e finalmente chegaremos a aprender com a Igreja, sua Espôsa, como falar a Deus e como amá-lo.

O canto é um modo completo de expressão que abrange e transcende a limitada fôrça das palavras, atingindo a Divindade como deve, dentro das normas e de acôrdo com nossos desejos. Tem-se a impressão que sua expressão é muito uniforme. Na realidade é semelhante ao oceano batendo na praia: a certa distância, o ritmo do movimento e do refluxo da agua parece não ter variante alguma. Há mesmo uma espécie de monotonia inexpressiva do som. Todavia, quando se está parado na praia e se observa o quebrar das ondas, ouvindo-se o barulho que elas provocam, descobre-se uma infinita diversidade de sons, de forma e de côr naquela contínua maré enxente e vasante.

Acontece o mesmo com o canto gregoriano. Em uma melodia solene, seu movimento consiste em uma constante alternância de arsis *e* tesis; *mais ainda, é uma musica capaz de intensa e variada emoção. Nisto, ela está resguardada do puramente humano pela ausência da polifonia, ausência de sincopado, ausência de enquadramente rítmico mensurado, será tudo isso, talvez, o motivo de sua gravidade e sacralidade. Não obstante, ela é profundamente humana, penetrada pelo amor e transbordante de tudo o que de grande e de puro existe na resposta do homem a Deus. Ainda que exprima todas as emoções humanas: Alegria, tristeza, compunção, angústia súplica, amor — sempre o amor — é uma música casta, protegida contra o simples sentimentalismo, pela disciplina de sua construção como base, mas não menos pela consciência de seu papel como música sacra.*

O Ofício é o canto do Cristo ao Pai; é o canto de amor do Verbo — amor êste infinito. É o canto da Igreja, sua Espôsa, cujo amor é sabedoria e sem medida. É o canto individual de cada pessoa que reza, de cada um de nós, com nossas opressivas preocupações e pobreza, com nosso amor volúvel. Por nosso intermédio, é também o canto daqueles que não sabem que estão cantando para Deus, que não conhecem o valor de seu amor ou de sua fé ou de seu sofrimento; ou ainda dos que são cegos e surdos ao amor infinito que lhes assegura sua verdadeira existência.

Esta é a grandeza do canto, mas como acontece com tôdas as coisas grandes, é êste o seu ponto mais vulnerável. Escrito por santos, por homens santos que compreenderam e condensaram na música a dignidade da oração de tôda a Igreja, é, no entanto, esta música executada por coros de monges e monjas que não atingiram a mesma penetração espiritual de seus autores, isso para não falar no talento musical.

Estudando os detalhes da estrutura do canto e as afinidades da música com o texto, somos tentados, algumas vezes, a procurar uma espécie de perfeição "arqueológica", quando o verdadeiro fim de semelhante estudo é penetrar na oração da Igreja, enquanto Igreja.

19ª SEMANA DE ESTUDO DE CANTO GREGORIANO

SÃO PAULO

DE 21 a 31 de Janeiro de 1962
(1.º 2.º 3.º e 4.º anos)

CURSO WARD (2.º ano apenas)

de 7 a 21 de Janeiro de 1962

Direção do
INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

LOCAL: Colégio Assunção
Alameda Lorena, 665 — São Paulo

Informações: e inscrições no INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO Rua Real Grandeza 108
Botafogo — Tel. 26-1822

Não deixem as inscrições para ultima hora.

O CANTO DO CREDO

SOB o título de Função e Significação dos principais cantos na Liturgia, vem escrevendo o P. Gelineau uma série interessante de artigos na revista intitulada "Eglise qui chante", dos quais destacamos aqui o dedicado ao canto do "Credo". De uma parte, é este canto o último que cronològicamente se incorporou à Liturgia e é talvez o menos essencial se considerarmos que é o mais frequentemente omitido; de outra parte, é o que obteve maior popularidade em muitas regiões. Quanto à História o artigo de Gelineau se inspira num artigo de Dom Huglo publicado em 1951. O texto do Credo não foi composto para a missa. Trata-se de uma síntese dos dogmas tais como os primeiros concílios ecumênicos os formularam em resumo bem ordenado. A introdução da recitação do Credo na missa data do século VI, onde não era cantado mas simplesmente recitado na liturgia bizantina. O uso se difundiu rapidamente em todo o Oriente grego. A fórmula recitada era naturalmente a oficializada pelos Concílios, de onde a recitação ser no plural. como aliás seria mais conveniente para exprimir a fé comum dos cristãos. Do Oriente, o Credo passou

para a Espanha em primeiro lugar e depois para o império franco. Eis as palavras de Solange Corbin sôbre essa difusão. O Credo só entrará em Roma no século XI. Mas já é cantado na Espanha no século V — será exagêro da autora? — e um Concílio reunido por Pepino o Breve em 747) ordena que os clérigos, o ensinem aos fieis. Carlos Magno o tornará obrigatório, mas a Igreja romana só seguirá êsse costume galicano no século XI. (L'Église à la conquête de sa musique,, p. 117). Como se vê, no Ocidente, não se limitam os fieis a recitar o Credo, passam também a cantá-lo. Seu lugar será muitas vezes depois do Evangelho. No Oriente, o Credo aparece sobretudo como a preparação dos fiéis, depois que eram convidados a se retirar os catecúmenos que se preparavam para receber o batismo, era a preparação dos fiéis para a ação eucarística. No Ocidente é como que a conclusão da liturgia evangélica, se bem que na liturgia hispânica se apresente como uma preparação para a comunhão. O canto do Credo, enunciado dos mistérios cristãos e resumo dos tesouros da fé, muitas vezes substituiu o sermão na Idade Média. O Credo foi recebido em Roma como um elemento que além de tudo emprestava especial solenidade à liturgia dos Domingos e das festas, dias aos quais ficou êle limitado em nossa atual liturgia. O Credo é portanto. na liturgia romana, segundo as palavras de Iungmann: "a conclusão fortemente acentuada do ofício das leituras, a adesão alegre dos fiéis à mensagem que êles acabaram de receber" e ao mesmo tempo: "a porta de entrada solene para a missa dos fiéis".

O Credo é pois uma profissão de fé e esta tem seu lugar original na cerimônia do Batismo. Ora, a escolha do texto litúrgico que seria adotado na liturgia da missa na Gália recaiu sôbre uma tradução do Símbolo batismal contido no "Ordo Baptismi" romano, cuja redação, segundo Andrieu remonta ao século VII°. Esta dependência explica por que nosso texto atual, ainda que cantado por tôda a assembléia dos fiéis, é redigido no singular: Credo, creio; confiteor, confesso etc. O singular, com efeito, convem de preferência à liturgia batismal onde cada um por sua vez recitava a profissão da fé. Assim enquanto no Oriente o Credo é cantado ou melhor, recitado todo no plural: "Cremos", no Ocidente, usa-se a forma singular e popularisou-se o canto por todos os presentes, continuando a entoação do celebrante. Usou-se a princípio a forma "direta" de canto, em que todos cantam tudo, sem alternância de coros, dado que o povo não queria ficar excluido de enunciar integralmente o canon da fé. A alternância afinal acabou por prevalecer como em outras peças gregorianas, tornando-se mais vivo e alerta o canto.

O Credo compreende nìtidamente três partes: a primeira se refere a Deus Criador e se liga ao Pai; a segunda mais longa, trata dos mistérios do Cristo; a terceira se refere aos bens da graça e liga-se ao Espírito Santo.

Os Credos de tipo gregoriano, compostos na base de fórmulas melódicas simples e quase silábicas, correspondem magnìficamente às exigências da natureza de um tal enunciado das verdades da fé que pedem um quase recitativo expressivo em que o canto conserva o caráter de formulação dogmática da palavra, acrescentando-lhe uma nova enfase e uma nota lírica de bom gôsto e de entusiasmo, próprio de quem confessa as verdades fundamentais de sua crença.

Quanto ao repertório, o Liber Usualis nos oferece seis melodias de Credo. As fórmulas I, II, V, e VI pertencem à mesma família, tendo como fonte única, como o mostrou Dom Huglo, uma melodia grega adaptada ao texto latino. Trata-se de quatro momentos de uma tradição viva. O credo I é chamado "autêntico", sendo que o II a que Gelineau atribui maior pureza em diversos pontos (não tem cadências graves sôbre o re, *nem bordadura sôbre o* si) *parece-nos apenas uma simplificação posterior do Credo I; ao contrário o V e o VI acresceram o "autêntico" de maior riqueza melódica e de maior solenidade. O V é solene e expressivo, o VI repetindo com insistência uma fórmula algo mais complexa tem seus admiradores incondicionais. É amplo, melódico, contemplativo e "priant". É o mais longo de todos, possui fórmulas melódicas que exigem tratamento muito trabalhado, com nuances de arredondamento, levezà e diminuição gradativa de voz. Por isso, também a enunciação de cada nova frase na alternância dos coros exige uma nova vida no encetá-la. É um Credo para coros bem preparados e pelo seu gênero mais contemplativo, é melhor recebido entre os coros monásticos. As fórmulas do Credo IV e III são bem diferentes das do grupo I e diferentes entre si. O Credo IV chamado "cardeal", porque cantado nas grandes festas manifesta um gosto especial pela solenidade, usando de extensão melódica bastante ampla, procura exprimir por seus contornos melódicos o sentido do texto; é assim que progride para o recurso ao agudo, chegando ao máximo na última frase. O Credo III, chamado algumas vezes "de Angelis", por causa de sua semelhança e aproximação com os temas da missa daquele nome, deve sem dúvida grande parte de sua popularidade a essa semelhança ou melhor, à sua estrutura tonal, próxima da canção popular. É contudo uma bela peça, quando bem tratada em seu ritmo gregoriano, o que devemos confessar que raramente acontece, principalmente nos cantos de massa, dada a maneira errada pela qual é geralmente aprendido. Uma vez mal aprendido, dificilmente é consertado.*

O último sub-título do artigo de Gelineau aborda o tema "Pastoral" relativamente ao canto do Credo. Diz-nos êle que na prática, à missa cantada de uma paróquia comum, o parentesco dos Credo I, II, V e VI exclui sua utilização concurrente. Por razões de universalidade se dará preferência ao Credo I que desempenha perfeitamente sua função. Deveria ser o Credo "ordinário". Vale a pena fa-

zer-se o esfôrço de aprendê-lo pois a repetição indefinida do Credo III infinitamente mais banal, mais complicado e mais longo, gera a monotonia e a fadiga. Ficará reservado para as grandes assembléias. Se há o desejo de variar ou de ter algo de mais apropriado para as grandes solenidades se acrescentará o Credo IV ao repertório. É fácil, mas a experiência prova, que não se abandonará o Cr. I.

Deve guardar-se a alternância entre "schola" e "povo" que dá maior leveza à execução. A "schola", como sempre tem a função também de impedir que o canto da massa comece a arrastar-se e a se deformar, além disso procurar ajudar insinuando um bom tratamento dos acentos tônicos no alto do ritmo, impedindo que o ritmo se deforme com o deslocamento dos ictus para os mesmos acentos tônicos.

Em outros tipos de participação litúrgica, uma boa salmódia recto-tono do Credo entoado pelo celebrante seria muito aconselhado, podendo ser usado como recurso razoável em uma missa mesmo cantada se aconselhado por razões fortes que o tornassem preferível ao canto melódico. No caso, por exemplo, de uma missa já excessivamente sobrecarregada com outras funções ou no caso de preparação deficiente dos cantores, a função da peça estaria suficientemente assegurada com a referida recitação.

Outras indicações pastorais são dadas pelo P. Gelineau que cita também Iungmann. Deixamos à consideração dos leitores as desconfianças que sempre manifestam os dois autores. "Na missa lida, pode-se algumas vêzes cantar um cântico breve de profissão de fé. Mas há momentos outros da missa mais importantes a serem solenizados pelo canto. "A simples profissão de fé pela assembléia dos fiéis tal como é praticada na missa dialogada, corresponde incomparavelmente melhor à função primitiva do Credo e ao lugar que êle ocupa no contexto da liturgia da missa, do que o que nos poude chegar de uma grande época musical" (Iungmann). Eventualmente, diz Gelineau, pode-se recitar em francês, isto é, em lingua vulgar, o símbolo dos Apóstolos. E acrescenta: "Não se pode com efeito dissimular o que há de particularmente contraditório em uma profissão de fé cristã feita sob uma forma que não garante diretamente a inteligência do que se professa". É a clássica incomprensão dos que são contrários à liturgia em latim. Ninguém está proibido de recitar várias vezes por dia o seu "Creio em Deus Pai" e aí a lingua mãe e o hábito de infância não permitirão que as palavras em si mesmas deixem de "garantir diretamente a inteligência do que se professa". Resta sempre a saber se a substância mesma da profissão tem sua inteligência garantida. Ora, quem recita ou canta em latim sabe perfeitamente que o que está proferindo corresponde àquele conteúdo conhecido, sendo que as palavras latinas poderão muitas vezes chamar a atenção para uma riqueza maior do conteúdo das palavras que possa por ventura pas-

sar desapercebido no desgaste das palavras de nosso linguajar comum. Além disso, compreenderá o fiel que está recitando ou cantando num ato oficial e solene que tem sua lingua própria e tradicional, que é a lingua usada há séculos por todos os celebrantes em todos os lugares do mundo latino. Ali é o momento da profissão de fé comunitária e universal, é o ato hierático que não se confunde com o linguajar de todo o dia, é o falar em uma lingua que exprime e simboliza ainda que não perfeitamente a unidade e universalidade dos dogmas que são acreditados por tôda a cristandade. Não compreender isso ou fazer disso "tabula rasa" é não compreender tôda uma faceta muito importante da oração litúrgica. É uma espécie de demagogia dos "parvenus" do liturgismo o de querer dar ao pobre uma esmola que acaba ofendendo quem a recebe. Bem sabemos que a pastoral caminhará a passos largos nêsse sentido nos próximos anos, temos confiança entretanto que o fará na medida justa, salvaguardando os reais valores que não poderão ser postos em jôgo, sob pena de um retrocesso e de uma perda lamentáveis.

Completando este artigo com as notas de Gelineau, devemos acrescentar quanto ao repertório que desde a Renascença, foi composto um número infinito de Credos monódicos, seja em canto chão musical, seja em melodia mensurada, quase todos relegados ao esquecimento. Só o Credo da missa real Du Mont sobreviveu em França. As obras polifônicas, segundo Gelineau, não interessariam ao canto do povo, a não ser que se compuzessem obras concertantes com intervenção da massa. Não se podem desprezar entretanto os Credos polifônicos da epoca ou do estilo clássico, ainda que exorbitem bastante de sua função de profissão de fé da assembléia, e nem sempre sejam práticos para entrar nos quadros de uma missa cantada. Diz Carraz que as dimensões de um Credo polifônico arriscam fazer dêle obra inoportuna (lembramo-nos de uma Missa do Pe. Huber cantada no Congresso de Viena em 1954 de duração fora do comum, onde só o Credo durou 25 minutos) (Rev. Greg. (46 p. 14). Não se negará porém a existência de obras razoáveis e belas no gênero.

O Credo "autêntico".

A estrutura melódica do Credo I, dito "autêntico" nos é descrita em poucas palavras por Dom Mocquereau: "três linhas, eis aí tôda a estrutrutura de nosso Credo: no centro, um recitativo sôbre o lá, enquadrado entre dois recitativos sôbre o sol." No primeiro membro o acento coincide sempre com o primeiro sol da recitação, a entoação que conduz a essa recitação sôbre o sol é essencialmente constituida por duas notas: o mi e o fá, com a adição possível de notas suplementares mais graves (o ré) quando antes do primeiro acento tô-

nico há mais de duas notas. A meia cadência do primeiro membro se faz habitualmente sôbre o mi *e é ligada ao segundo membro por um inciso de ligação que leva progressivamente ao* lá *do segundo recitativo. Quando êste inciso é supresso por falta de texto suficientemente longo, o segundo membro começa na maioria dos manuscritos por um podatus de ligação* ré-lá. *Na edição Vaticana o segundo membro começa sempre com um podatus de bordadura* lá-sib. *No Credo II — é considerado por Dom Huglo como um estado diferente do mesmo recitativo — não aparece o referido podatus de bordadura sem que o caráter da melodia sofra qualquer alteração. A cadência do segundo membro se faz sôbre o* sol, *como também a do terceiro membro cuja entoação e recitação reproduz o primeiro. Também o Credo II nos mais antigos manuscritos tem sua cadência sôbre o* sol *e não em* mi *ou* fá *como o conhecemos.*

Isolados assim os diversos elementos melódicos nos três membros que compõem o Credo I, Dom Huglo fàcilmente os encontra no recitativo grego do manuscrito de Colônia do século XIV. Esta Igreja que nos transmitiu nos diversos ramos das ciências eclesiásticas tantos veneráveis documentos, conservou-nos também a fonte de nossa melodia do Credo I. Na arquitetura do primeiro membro do nosso Credo latino, Gastoué já havia pressentido alguma influência bizantina: "Que cantos, escreve, têm êste movimento de recitativo salmódico: mi, fa sol, sol... fa mi? *Só vejo coisa análoga nos cantos que não são de origem romana, mas grega e oriental. Com efeito, a salmódia simples do rito bizantino se recita em* sol *e no tom* deuteros *ou* legetos *a final é* sol, la, sol, fa, mi fa, mi *portanto exatamente na base do canto romano do Símbolo".*

Não é pois de surpreender, conclui Dom Huglo, a constatação de um novo caso de adaptação do canto litúrgico grego ao repertório ocidental. A influência verificada é também sensível nas outras variantes do Credo I (isto é no II, V, e VI, especialmente nêste com as sucessões mi, fa, sol *repetidas). Mas inspiração não significa cópia. O compositor da Capela Palatina não se contentou com uma adaptação material da melodia grega ao novo texto latino; tomou-lhe emprestado apenas os principais elementos, inspirando-se em seu modêlo fez obra original. Devemos reconhecer que foi perfeitamente bem sucedido ao produzir uma obra prima de regularidade e de simplicidade. (Cf. Rev. Gregorienne,* 1951, p. 68-78).

MATER ET MAGISTRA

A palavra do Sumo Pontífice, o Papa João XXIII em sua encíclica Mater et Magistra sôbre a questão social ecôa em todo o mundo como uma palavra de serenidade, de solicitude pelo bem estar espiritual e material da humanidade, como uma palavra de paz, de seriedade e de otimismo, coisas tão difíceis de serem encontradas juntas, palavras de eternidade e por isso mesmo de atualidade. A doutrina da Igreja, a Mãe e Mestra em nome da qual fala o Papa, mesmo quando trata de assuntos puramente temporais, como seja a vida em sociedade dos seres humanos, é uma doutrina de eternidade, é uma doutrina permanente. Isso porque é uma doutrina que está baseada em dados definitivos e irremovíveis, inscritos na própria essência do homem e de tôdas as coisas que dependem do homem ou em que êle entra como um dos dados decisivos da questão. São princípios que vindos de fora da inteligência humana se impõem a ela como algo de evidente e definitivo. Podemos rejeitá-los, por um ato de arbítrio, isto é, por um ato de cega vontade, nunca por um ato de vontade esclarecida pela inteligência, podemos negá-los, não importa, êles continuarão a existir e sentiremos isso bem concretamente quando de repente notarmos que entramos em choque com o muro e o duro das realidades. É pois a doutrina social fundamentada no Evangelho e numa filosofia humanista, uma doutrina permanente, mas não estática e esclerosada; ao contrário, tanto mais permanente quanto verdadeiramente dinâmica e maleável. Só pode ser dinâmico quem se movimenta sem deixar de

ser êle mesmo, só pode ser maleável quem se adapta, se estica ou se contrai sem deixar de ser o que é permanentemente. Se alguém para movimentar-se, esticar-se ou encolher-se, deixasse de ser o que é, isto é, abandonasse sua estrutura permanente, não seria nem dinâmico nem maleável, deixaria de ser o que é.

Quando dizemos a alguém: Você está outro! não gabamos senão sua capacidade de ser o que era, o mesmo, com uma feliz e natural adaptação a novas circunstâncias. Assim diz João XXIII, comemorando uma encíclica que completava 70 anos, a "Rerum Novarum" de Leão XIII, diz que surgiram novas situações, novas circunstâncias sociais que o levaram não a corrigir mas a continuar *a Rerum Novarum com a sua Mater et Magistra. Afirma-se com isso um espírito de evolução que é o contrário de um espírito de revolução. Êste visa antes de tudo o destruir do que foi feito, a negação da permanência renovada que não é a permanência caduca e esclerosada; porque a verdadeira e autêntica permanência contra a qual se insurge o espírito de revolução é sempre informada por uma* revolução do espírito.

É a visão do espírito que faz com que as coisas cresçam e se renovem sem nada destruir, mas tudo renovar, pois o espírito é essencialmente renovador e transfigurador do que existe: esta a sua revolução.

"O caráter dinâmico desta nova encíclica — diz-nos um comentarista — fica demonstrado de maneira nítida, quando o Papa João XXIII encara o problema da socialização, admitindo-a como método para corrigir determinadas situações, mas recusando-a sempre que se transformar em instrumento para a supressão das liberdades fundamentais." É conceito perfeitamente adquirido pela sociologia econômica de inspiração humanista, que a propriedade pode ser particular e não obstante ser social, como pode estar socializada sem ser social e até mostrar-se socialmente perniciosa. Identificar a função social da propriedade com a sua socialização é afirmar algo de errado e arbitrário dentro da economia contemporânea. Socializar a propriedade de nada servirá e como tal será rejeitado pela autoridade apostólica, enquanto significar uma mecanização cega e material do jôgo dos fatores econômicos de produção e distribuição das riquezas que se têm a si mesmos como medida, como finalidade e como razão de ser, diante do que, o homem, simplesmente o homem desaparece soterrado debaixo da imensa máquina que êle mesmo construiu; máquina dominada pelo gigante desconhecido e impessoal que se convencionou chamar de Estado. É êsse gigante impessoal, insensível, incapaz de compreender e de ponderar, é êsse gigante econômico o grande inimigo do homem e é êsse gigante impessoal, esteja êle a serviço do comunismo ou do capitalismo sempre existente, é essa despersonalização da sociedade que desconhece o homem, as pessoas de carne e osso, e alimenta

os mitos devoradores, é essa monstruosidade que a palavra serena do Pontifice quer desmascarar; ao mesmo tempo quer apontar um caminho humano e divino aos homens de boa vontade que procuram na face de seus semelhantes a face de Deus todo poderoso.

Como sempre, o problema econômico e social nunca é um problema puramente econômico, mas antes de tudo um problema total: humano, moral, metafísico e religioso. É nêsse sentido tão necessário de ser salientado para os homens de nosso tempo, que a palavra do Pontífice, do Pai da cristandade se espalha por todo o mundo com acento de compreensão, de serenidade e de Paz.

As referências, vindas de setores os mais diversos à Encíclica do Papa João XXIII, conforme os noticiários dos jornais, quase chegam a surpreender, por sua freqüência. É como que assunto obrigatório. Ora é o deputado que ao mudar de partido faz declarações sôbre a sorte da civilização, afirmando que a única solução é a Mater et Magistra, isto é a solução está "na socialização da democracia ou democratização do socialismo"... Um pouco de palavreado vistoso. Ora é um lider de colorido nìtidamente rubro, se não repararmos nos entretons de oportunismo demagógico, que cai nos braços de um sacerdote, conduzido a êste amplexo pelas palavras pontifícias, conforme delirantemente explica o referido russófilo indígena. Apesar de tudo isso, a doutrina da Encíclica é qualquer coisa de muito sério e desperta a atenção do mundo inteiro para as complexas e difíceis questões que são alí explanadas.

A Encíclica publicada a 15 de Maio de 1961, exatamente setenta anos depois do grande documento social de Leão XIII, a "Rerum Novarum", é de grande extensão e procura ser completa na matéria que lhe compete, razão por que será nos próximos anos da vida da cristandade o documento que conduzirá os estudos e pesquizas no terreno da justiça social, especialmente quando feitos sob inspiração cristã. Surge, assim imediatamente o interêsse de conhecê-lo mais de perto e dêsse modo atendemos ao apêlo do próprio autor que muito cônscio de sua função de Pai e de Mestre não hesita em convocar a todos para uma consideração mais detida de sua doutrina. Diz:" o olhar de conjunto que lançamos sôbre os diversos problemas da vida social contemporânea, a partir das primeiras luzes do ensinamento do Papa Leão XIII, levou-nos a desenvolver uma série inteira de constatações e de proposições sôbre as quais vos convidamos a deter-vos, para nelas meditar e para encorajar a cada um de nós a colaborar de nossa parte, na realização do Reino de Cristo sôbre a terra: "reino de verdade e de vida; reino de santidade e de graça; reino de justiça, de amor e de paz" (Prefácio da Festa de Cristo Rei), que nos assegura o gôzo dos bens celestes, para os quais fomos criados e pelos quais aspiramos. Trata-se de fato da doutrina da Igreja católica e apostólica — Mãe e

Mestra de todos os povos cuja luz ilumina e inflama, cuja voz cheia de celeste sabedoria pertence a todos os tempos, cuja fôrça traz sempre remédio eficaz e adequado às necessidades crescentes dos homens e às dificuldades e angústias da vida atual". Trata-se, pois, no caso, de uma necessidade que têm, em grau maior ou menor, todos os cristãos, ou todos os que aspiram por uma estrutura autenticamente fundamentada sob tal inspiração cristã, de se instruirem numa doutrina longamente amadurecida e superiormente orientada pelos princípios da sabedoria evangélica, e de se informarem das directivas que tornem realmente eficazes, em sua concretização, os princípios doutrinários na atividade temporal dos homens de boa vontade.

A Encíclica Mater et Magistra é longa porque é complexa a matéria que aborda. Não quis ela assumir o encargo de dizer uma palavra renovada e atual sôbre a questão tratada desde a Rerum Novarum sem recapitular a doutrina e o pensamento dos documentos pontifícios anteriores. Há pois êsse primeiro aspecto histórico realmente precioso, onde se resume a doutrina de um Leão XIII na Rerum Novarum, de Pio XI no Quadragésimo Ano, de Pio XII em suas mensagens e alocuções. Essa primeira parte que empresta grande harmonia ao conjunto do documento tem um especial valor didático, pois em poucos traços nos coloca no âmago da situação enfrentada por aquêles diversos documentos em suas respectivas épocas e nos refere o conjunto de directivas então tomadas pela autoridade pontifícia. Limitar nos-emos aqui a enumerar os grandes temas da Encíclica que se acrescentam a esta parte histórica, salientando, por fim, a nota fundamental dêsse documento, idéia que o perpassa do princípio ao fim como luz fulgurante de sabedoria humana e divina.

Enumerando os principais temas da Mater et Magistra que se acrescentam à parte histórica de introdução, citaremos em primeiro lugar o problema do salário. *O regimen de salário não é em si mesmo injusto. Êste salário, porém, não pode ser algo de arbitrário, sujeito a condições de opressão, ou à aventura das leis da oferta e da procura. O salário é o pão de um homem, de um trabalhador e de sua família, é afinal o elemento que decide no plano material da condição de dignidade social que terão aquêles seres humanos, integrados numa ordem social que pretende estabelecer o bem comum. Conclui a Encíclica que se deve dar aos trabalhadores "uma remuneração que lhes permita, com um nível de vida verdadeiramente humano, fazer face com dignidade às suas responsabilidades familiares". Do tema salário, passa-se naturalmente para questões conexas ainda mais importantes, como sejam a evolução do contrato de salário para um contrato de sociedade, isto é, a participação do operário nos lucros da empresa, participação em sua propriedade, e assim, quase necessàriamente, em sua gestão e administração. É de notar que nêstes pontos, ainda que supondo uma oportunidade prudente para a transição naturalmente difícil, a palavra*

da última Encíclica é bem mais decidida que a das anteriores. Não será apenas por oportunidade, mas por razão de justiça, que a admissão dos trabalhadores à propriedade de suas emprêsas poderá ser pleiteada e obtida, ao menos em certos casos. São pois estruturas mais coerentes com a dignidade humana que exigirão sempre mais que os colaboradores de uma emprêsa não sejam reduzidos "à categoria de meros executores silenciosos de tarefas, sem nenhuma possibilidade de fazer valer sua experiência, completamente passivos relativamente às decisões que dirigem sua atividade". Procurar isso, não é mais do que procurar criar um ambiente humano, um ambiente de comunidade, sendo isso facilitado pelo progresso no campo intelectual, técnico e das aptidões profissionais que marcam uma verdadeira ascensão humana da classe operária. Seria êsse o campo natural e humano de entendimento e colaboração que serviria de estrutura à difusão da caridade sobrenatural entre seres que se irmanam na identidade de um mesmo Criador e na misericórdia de um mesmo sangue regenerador.

A ascensão da classe operária para ocupar seu verdadeiro lugar no quadro de uma concepção humana da vida tem diante de si duas questões que são examinadas detidamente pela Mater et Magistra. Uma delas é a da propriedade particular. A doutrina socialista destrói fàcilmente, em teoria, o dragão opressor que é a propriedade particular. Na aplicação prática, o estado socialista espolia, oprime, divide, sub-divide, cria afinal mais terríveis proprietários tentaculares, estará sempre investindo, sem uma conclusão satisfatória, contra essa realidade incontornável que é um certo vínculo do homem com os bens terrenos, vínculo que nasce naturalmente do uso dos mesmos e que tende a transformá-los em bens próprios do homem. O Santo Padre João XXIII reafirma ser a propriedade particular de direito natural: "é um meio idôneo para a afirmação da pessoa humana e o exercício da responsabilidade em todos os domínios; é o elemento de estabilidade serena para a família, de expansão pacífica e ordenada na existência comum". Portanto, tornar a vida do operário mais digna e mais humana é encaminhá-lo para a propriedade de sua residência e dos instrumentos de seu trabalho, mesmo no consórcio da emprêsa. Arrancar-lhes êsses bens e a todos os homens o direito de possuí-los, é reduzir todos a uma condição infra humana, a uma condição de tutela sob um organismo impessoal, que de nenhum modo satisfará à classe que se esforça por subir para um ambiente mais respirável de humanismo, como de fato já o vem conseguindo. Tirar a todos o que alguns ainda não têm mas que poderão ter e já principiam a ter é a solução do obscurantismo, do desespêro, do derrotismo para não referirmos as causas que cegam os homens que optam por tal solução: é a solução da vingança, do ódio, cultivo do despeito, do ressentimento e da inveja; é a solução da matéria que é por si mesma estéril, é a solução dos que

que se gabando do paraiso hermético que construiram com o sacrifício sangrento de milhões e com o incrumento da liberdade e da dignidade de um sem número, deixam transparecer a insatisfação, o desespêro, o ódio de que estão possuidos na sádica exibição de sua nefasta capacidade de destruir pelas explosões atômicas Destruiram-se a si mesmos, venderam a própria alma, não se podem satisfazer senão contemplando sua diabólica capacidade de destruir os outros. Que não lhes exploda o brinquedo entre as mãos!

O segundo fenômeno que vem ao encontro da ascensão da classe operária a um modo humano de vida é o que se chama socialização *dos bens necessários à vida. O têrmo não deve ser temido. Designa muita coisa que já existe em tôda parte e que poderia ser ainda mais estendida, não fossem os desvios terríveis produzidos por uma deshonestidade desabrida e que permanece impune; deshonestidade que fàcilmente se locupleta do que pertence a todos, porque não pertence a ninguém. É o caso tão conhecido das instituições de previdência e assistência sociais que evidentemente poderiam produzir no seu campo específico muito mais do que produzem. As instituições em si são boas e úteis. O homem se aproveita dessa socialização benéfica e com ela pode obter vantagens apreciáveis que de outra forma jamais conseguiria obter; basta citar os grandes serviços de utilidade pública. A* socialização *nunca será porém* "socialista" *isto é, não poderá envolver o homem de todos os lados, transformá-lo em autómato que obedece a decisões vindas de fontes anônimas e impessoais intocáveis A socialização não é fruto de um determinismo inelutável, suas construções são obra de homens conscientes e livres a serviço do homem que vive em sociedade e usufrui dela; não a serviço de um mito, o ente social, que vive e usufrui anônimamente dos homens que o constituem. É preciso pois estar no meio dos movimentos de socialização para dirigí-los no sentido de libertar e expandir o homem que usufrui de seus benefícios, para as dimensões do humano. Bem podemos imaginar e mesmo, na experiência constatar, o que não poderá fazer na linha humana e cristã, um médico, por exemplo, mesmo dentro de uma estrutura socializada mas não* "socialista"; *o quanto poderá fazer para que tal estrutura não sufoque o humano que não lhe está senão materialmente submetido mas que é a própria razão de ser de tôda aquela organização. É isso o que encoraja o Papa. A socialização que existir para servir um social abstrato, um mito, em detrimento do homem que se apresenta em carne e osso diante de nós é anti-humana, anti-cristã, contra o Evangelho e contra si mesma, tenha ela o rótulo ou colorido de esquerda ou de direita.*

Outros problemas tratados não podemos senão enumerá-los: a vida econômica e social no meio agrícola, suas exigências especiais: que também alí se possa e se tenha o direito de ser homem do seu tempo, usufruindo das conquistas atuais da humanidade. Outro pro-

blema de desnivelamento é o dos países em via de desenvolvimento ao lado dos países econômica e socialmente desenvolvidos. Essa questão só poderá ser resolvida numa base esclarecida de ampla cooperação no plano internacional, cooperação que tem de nascer do próprio entendimento a respeito de conceitos e palavras fundamentais como por exemplo a palavra "justiça". A respeito dêsses últimos pontos, há páginas de vigorosa beleza nesta Encíclica, as últimas do longo documento.

Seria o momento de dar uma palavra de conclusão e de síntese sôbre a Encíclica que so poderá ser realmente conhecida quando lida vagarosamente e meditada. O conceito definitivo, a idéia mestra da Mater et Magistra já sobresai das considerações feitas acima, queremos dá-la entretanto através da palavra do P. Villain S.J.: por em evidência o caráter essencial dêste longo documento: o que lhe empresta uma característica especial não é seu valor doutrinal, nem o cuidado de aplicar com precisão seus ensinamentos aos dados do mundo atual (estas qualidades êle tem em mente comum com as precedentes Encíclicas), é antes de tudo a tonalidade humana *que esta Encíclica faz ouvir da primeira à última linha. Ela é para nós a Encíclica do "humanismo social cristão". Considerando a pessoa humana, o Soberano Pontífice não perde aliás jamais de vista sua natureza de criatura de Deus, nem seu destino sobrenatural. No fim da Encíclica, Êle nos lembrará que "somos os membros vivos do Corpo Místico que é a Igreja". "Convidamos, acrescenta, com paternal insistência, todos os Nossos Filhos que pertencem tanto ao clero como ao laicato, a tomar profundamente consciência da dignidade tão alta de estarmos enxertados no Cristo como os rebentos na vínha: "Eu sou a vinha, vós os rebentos"(Jo.* 15, 25) *e de sermos portanto chamados a viver sua vida". Quem não tivesse presente ao espírito tais verdades, arriscaria apreender mal o sentido da Encíclica, pois não comungaria com o espírito com o qual foi escrita e meditada" (Villain S.J. "Mater et Magistra" (2) in Informations Catholiques Internationales, Aout 1961).*

---

1) O presente artigo reúne partes de duas crônicas irradiadas no programa "Vozes Humanas à procura de Deus" respectivamente a 5 de Agosto e 7 de Outubro do corrente ano.

2) O autor condensa de modo feliz o ensinamento social da M. et M. nos três pontos seguintes:

1. A estruturas e o funcionamento da economia devem ser tais que o conjunto dos trabalhadores possam dispôr dos recursos necessários à sua existência e à de sua família, nas condições exigidas pelo estado da civilização.

2. O regimen econômico deve favorecer "o desenvolvimento das qualidades próprias à pessoa"; é preciso que todos, enquanto possível "tenham a possibilidade de empenhar sua responsabilidade produtora". De uma maneira mais geral, acima da promoção profissional, é preciso que seja realizada sempre mais e em tôda parte a promoção humana em si mesma considerada.

Ouça os seguintes programas radiofônicos onde encontrará uma expressão do pensamento católico: doutrina, literatura e música religiosa.

Dom Estêvão Bettencourt O.S.B.

"Pergunte e Responderemos", às 7 hs. todos os Domingos, na Rádio Tupi.

"Verdade e Vida" às 18,40, todos os Domingos, na Rádio Mayrink Veiga.

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Rádio Jornal do Brasil, às 19 hs. diàriamente, com exceção de Domingos e quintas-feiras.

Dom João Evangelista Enout O.S.B.

Rádio Ministério da Educação às 13,30 todos os Sábados.

xxx

Inscreva-se na próxima Semana de Canto Gregoriano organizada pelo INSTITUTO PIO X a ser realizada em SÃO PAULO dos dias 21 a 31 de janeiro de 1962.

Local: Colégio Assunção — Alameda Lorena 665.

Inscrições: Rua Real Grandeza 108, Botafogo, Rio de Janeiro GB. Tel. 26-1822

☆

---

3. A elevação das condições de vida não deve permanecer o apanágio de certos ramos da economia nem de certas regiões da terra. A solidariedade entre os homens, ou antes, digamos a verdadeira caridade, exige que cessem pouco a pouco as desigualdades inadmissíveis que separam uns dos outros, seja certos sectores econômicos, seja paizes desenvolvidos e os paizes em via de desenvolvimento."

BRASIL WARD

O CANTO GREGORIANO E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Já falamos da importância da música na educação das crianças para desenvolver a inteligência e orientar a sensibilidade (1). Mas, para as crianças de nossas escolas cristãs, a música tem finalidade ainda mais alta: ela deve conduzir as almas destas crianças à expressão de sua religião por meio do canto litúrgico da Igreja, quer dizer, pelo Canto Gregoriano. Não queremos tratar aqui da questão puramente estética, ainda que êste canto possua beleza incomparável, mas, sobretudo, da formação religiosa que êle oferece.

Dir-se-á que as crianças recebem a formação religiosa aprendendo o Catecismo. Sem dúvida, as fórmulas aprendidas de cor são importantes; mas com o correr dos anos, elas serão esquecidas. Talvez não tenham o dinanismo necessário para fazer face aos problemas da vida adulta. O mesmo não se dá com as grandes verdades da fé cristã quando são cantadas. Elas impregnam a alma, transformam-na, elevam-na; e as verdades assim vividas, experimentadas, exprimidas não são fàcilmente esquecidas pelas crianças.

Bem disse o Santo Padre X que o objeto da música sacra é: *vivificare et fecundare*" — quer dizer, vivificar e tornar eficaz o texto. Uma ideia abstrata não tem vida. O conceito puro, isolado da consciência afetiva, aparece sempre desprovido de energia fecunda.. A presença no consciente de um sentimento apropriado é indispensável à assimilação mental, é uma verdade que se aplica a todo proceder educativo. Por que a educação religiosa fará exceção? Justamente ao contrário, a Igreja muito antes das descobertas dos psicólogos modernos, sempre ofereceu a seus filhos não conceitos áridos mas verdades cercadas de expressão, servindo-se de tôdas as artes, sobretudo da música, para fazer assimilar a doutrina que ensina.

Mas, para que a expressão seja útil à alma é preciso, evidentemente que seja bem adaptada ao espírito das verdades que ela quer pôr em relêvo. Não se exprime a alegria por um soluço, nem a ternura por um sopapo. A expressão deve ser justa a calcada sôbre a verdade mesma. Uma música que exprimirá os dogmas da Igreja não se asse-

melhará à música de uma ópera nem mesmo à de um concêrto. Ela será diferente e especìficamente santa para chegar a exprimir dígnamente o pensamento da Igreja. Esta música, nós a conhecemos: é o canto gregoriano com seu ritmo livre, sua pureza modal, suas nuances infinitas. Ela é sòmente oração sóbria e simples. Mas não pensemos que isto queira dizer terna, sem intensidade. A expressão religiosa não é menos intensa que a expressão mundana; ao contrario, mas, ela é de outra qualidade. Ora, é justamente esta qualidade que procuramos para a educação das crianças. Não podemos nos contentar em dar um impulso qualquer ao espírito de nossos alunos. Devemos procurar dar a êles para tôda a vida, uma orientação especial para a Liturgia da Igreja. Eis a função do Canto Gregoriano; aí está sua fôrça educativa. A alma da criança se desenvolverá neste ambiente de fé, de fôrça, de beleza, se soubermos fazer amar este música, pois para que qualquer coisa nos influencie precisamos amá-la.

É por isto que começamos desde as primeiras classes a tecer através da matéria musical alguns fiozinhos de ouro gregorianos, certos fragmentos de frases nos modos antigos para que, em época adequada, o Canto gregoriano não surja como um estrangeiro. Desde a idade de seis anos a criança aprenderá o 7º e 8º modo associando-os e distinguindo-os do modo maior moderno; aos sete anos, o 1º e o 2º modos em relação e distinção do modo menor moderno.

Quanto à técnica o Canto Gregoriano não oferece grandes dificuldades. Os intervalos são fáceis (não intervalos aumentados ou diminuídos como na música moderna). As melodias são uma só voz e de extensão reduzida o que as torna accessíveis à grande maioria das vozes. Para dizer a verdade, talvez seja o Canto Gregoriano a única música de uma suprema arte que seja abordável pelas vozes "brancas" das crianças.

Mas, se os intervalos são simples e de extensão limitada, não se dá o mesmo com o ritmo que é o elemento mais importante de tôda música e a alma do Canto Gregoriano. É preciso, desde o comêço, fazê-lo compreender, não por definições intelectuais mas pela prática. É inútil sublinhar aqui que rejeitamos como uma superstição a doutrina dos velhos solfejos de *um tempo forte periódico*. Mas, rejeitar uma doutrina falsa e dar idéias verdadeiras sôbre o ritmo são duas coisas diferentes, sobretudo para os adultos habituados aos apoios pesados no encadeamento dos compassos, e a linhas melódicas de fraseado monótono. A extirpação destas idéias falsas deve ser feita, custe o que custar, para ficar livre o lugar do verdadeiro ritmo: série de élans e de repousos cuja dinamia não deve afetar cada ictus em particular mas influenciar a frase tôda. O ritmo assim concebido é ensinado por meio de gestos, por movimentos de arsis e thesis, por ondulações que fazem parte da quironomia solesmiana.

Desenham-se as arsis, as thesis, as ondulações com os braços; avança-se e recua-se eleva-se na ponta dos pés para voltar ao pousar — leves como uma pena, ou um floco de neve. É assim que as idéias rítmicas se formam pouco a pouco no espírito da criança. É preciso reconhecer que a impressão rítmica é, em grande parte, *muscular;* como se se dissesse que o sentido do ritmo se opera sob uma impressão muscular deixada. Mais tarde, só esta lembrança bastará, não se tem mais necessidade de movimentos físicos, porque o ritmo ficou gravado no espírito. No comêço, entretanto, êstes gestos são indispensáveis para que o ritmo ganhe vida e chegue ao espírito e à alma por meio do corpo. Pois mesmo a alma deve ser animada por um ritmo sadio.

Há também a notação e a pauta de quatro linhas, os neumas e as claves a serem ensinados. Começamos, introduzindo as melodias (gregorianas ou não) numa notação especial em números que representam os intervalos ideais e proporcionais. Esta maneira de tomar contato evita desencorajar a criança pela apresentação de tôdas as dificuldades ao mesmo tempo. Por conseguinte, só aos nove anos, por época do estudo da notação gregoriana (3.º ano do Método Ward) é que as crianças começarão a cantar bem. A pauta de quatro linhas não apresenta nenhuma dificuldade, pois que as crianças habituaram-se desde o início a calcular os intervalos tendo em vista e como ponto de apôio a clave e não as linhas da pauta.

Será que o Latim amedrontará? Nunca o constatei como tal. Freqüentemente as crianças preferem mais cantar em latim que em língua vulgar, orgulhosos de se mostrarem à altura. Quanto aos neumas, de formas pouco comuns e de nomes curiosos, é uma brincadeira para as crianças. Elas gostarão de reencontrar os intervalos conhecidos sob esta forma tão variada.

Mas, se a técnica é simples, não se dá o mesmo com a interpretação. É a oração cantada "com beleza", como o queria S. Pio X. Ora, a oração é elevação da alma para Deus; o canto dá asas a esta oração, eleva a alma daquele que canta e do que escuta (desde que seja bem cantado!). É por isto que a Igreja faz cantar seus Ofícios. O Canto Gregoriano é a voz oficial da Igreja. Êste canto foi composto por almas impregnadas da beleza dos santos mistérios de nossa Fé, que a exprimiram em melodias incomparáveis. Esta beleza é herança de todos os fiéis, mas como poderão possuí-la se nunca a aprenderam? Como poderão êles oferecer a Deus culto digno e mostrar aos outros fiéis um exemplo de beleza, encontrando também aí um meio de santificação?

Tudo depende do professor. Um mestre, um educador no verdadeiro sentido da palavra, sabe apresentar, de maneira viva e clara,

que apaixonará os alunos, matérias que um professor medíocre tornaria áridas e sem sentido. É aos professores que exprimimos nossa mais viva esperança de grande sucesso no ensino do Canto Gregoriano às crianças, para que estas possam aprender desde a mais tenra idade o Louvor divino até que possam unir suas vozes aos coros angélicos.

JUSTINE B. WARD
(Traduzido de "France-Ward" n.º 4 Juillet-Aout 1952).

SUA CLASSE WARD DE 1.º ANO

VOCALISES — Em quase tôdas as classes ouvidas, a voz das crianças é o reflexo da do professor no que ela tem de bom ou de mau. É necessário, então, que o exemplo seja excelente. Se o professor não está ainda com a voz bem impostada deve pedir, para dar o exemplo, a uma criança que tenha qualidades vocais como: boa respiração, resonância, justeza. Acontece muitas vêzes que as vocalises são cantadas mas não trabalhadas ou estudadas. Quase sempre a classe inteira canta simultâneamente o exercício vocal. É um êrro Deve-se trabalhá-las por grupos; comparar a qualidade das vozes; fazer os alunos procurarem por êles mesmos qual o melhor timbre, qual a voz mais pura e de maior resonância; fazê-los imitar as que êles preferirem. Só assim haverá progresso diário.

Não se fiem demais no próprio ouvido. Dêem o tom num instrumento ou num diapasão. Controlar depois da última nota para verificar se as crianças não abaixaram, (raramente elas sobem). Sejam lógicos na escôlha dos tons e certifiquem-se de que êstes se aplicam à vocalise cantada.

A vocalise n.º 1 é muito importante; fazê-la cantar em quatro tons no mínimo. As vocalises 9 e 10 devem ser cantadas primeiro isoladamente. Mas, se a vocalise 9 é cantada isolada, deve sempre ser precedida da n.º 10 para tornar claro no espírito das crianças o som da tônica DO.

MONÓTONOS — Nunca fazer cantar os monótonos com os outros grupos, mas não os esquecer. Escolher para êles entoações não muito agudas nem muito graves. Tomar como base da progressão o som que a criança reproduz mais fàcilmente. O obstáculo vem freqüentemente da falta de concentração. Mandar a criança fechar os olhos e ensiná-la a escutar: silêncio, depois a voz do professor; em seguida êle se escutará cantar, sempre de olhos fechados. Verifique se o aluno abre bem a bôca sem contrações e se êle avança um pouco os lábios para a frente como para soprar. Variar os meios de ajudá-lo a cantar, como indica o livro, sem nunca desencorajá-lo.

NÃO CANTE COM SEUS ALUNOS, MESMO QUE SEJA PARA ANIMÁ-LOS.

INTERVALOS — Os exercícios de intervalos são relativamente fáceis. O grande escôlho é a afinação. Os *MI* e os *SI* geralmente saem baixos. Mesmo as crianças mais pequenas devem adquirir a *vontade* de não abaixar nestas duas notas. O professor controlará freqüentemente a última nota de cada linha. O primeiro exercício de Orientação, n.º 32, exige muito cuidado. *É a base de todo o trabalho que se seguirá*. Não se apressar demais em cantar de cor a última linha e, de maneira alguma, ensiná-la de ouvido. Variar a maneira de trabalhá-la: no diagrama que mostra "as pessoas principais e os filhos da família de *DO*", (diagrama 7); nos dedos num diagrama vivo feito pelos alunos; no quadro-negro; em cartazes, etc.

DITADOS MELÓDICOS — Lembro a regra:

a) Cantar a primeira nota com o nome. Mais tarde talvez baste dar a tónica.

b) Cantar as fórmulas em NU, com gesto melódico.

c) As crianças repetem isto do mesmo modo.

d) Uma ou várias crianças cantam com o nome das notas.

Se se deseja uma resposta individual, só dizer o nome do aluno no momento em que êste deverá cantar as notas, do contrário, o resto da classe não se interessará pelo exercício. Uma monótona poderá escrever o ditado no quadro-negro. Sempre encorajar os alunos mais lentos com ditados mais fáceis. O ditado escolhido nunca deve ser mais difícil que o exercício de intervalo estudado. É um exercício de assimilação. O mesmo se dá para os ditados visuais.

RITMO — O gesto II é em geral bem feito. Procurem impedir a rigidez dos movimentos. A dificuldade vem com o gesto III, mesmo só com os braços. Para que as crianças sintam êste ritmo, isolar um pequeno ritmo ternário: um levantar e um pousar de dois tempos. Escrever no quadro 1/1. Desenhar o levantar e o pousar. As crianças cantam uma vez êste desenho: levantar à esquerda, pousar do mesmo lado prolongando-se para a direita. Parar um instante e recomeçar o mesmo desenho do outro lado. Quando êste desenho isolado estiver bem compeendido, fazê-lo cantar quatro vêzes sem interrupção, sentindo de cada vez o comêço do desenho. Ditando-se duas vêzes êstes pequenos desenhos e escrevendo-os horizontalmente obter-se-á a linha B do ritmo 8, pag. 84 do 1.º Livro do Método Ward. Depois dêste trabalho as crianças terão grande facilidade para executar o gesto III.

GESTO IV — Ritmo no pousar. Antes de abordar êste novo ritmo,

reler os conselhos dados pag. 112. Começar a trabalhar os gestos como está indicado. Braços separados depois juntos. Só então será escrito no quadro o desenho rítmico. As arsis em élan sem rigidez, as thesis num pousar suave.

Será preciso consagrar mais de uma semana ao Capítulo XIII. Não esquecer a leitura regular na pauta. Em todos os exercícios melódicos e rítmicos nunca permitir que as crianças gritem. A qualidade da voz é importante.

ODETTE HERTZ

(Traduzido de "France-Ward" n.º 2 — Février 1952)

AVISOS

1. Não se esqueçam de enviar notícias ou um relatório do trabalho Ward que estão fazendo.
2. Gostaríamos que nos escrevessem, com antecedência, todos aquêles que pretendem fazer o 2.º Ano do Método Ward em Janeiro próximo em São Paulo.
3. Não haverá Semana de 1.º Ano do Método Ward.

Vozes Humanas à procura de Deus

Rádio Ministério da Educação

Todos os Sábados às 13,30

na palavra de D. João Evangelista Enout O.S.B.

Crônica sôbre o III Curso Nacional de Música Sacra

Recife, julho de 1961

Com o incentivo dos recentes documentos pontifícios a respeito da música sacra e liturgia, nota-se em tôda parte uma renovação musical e litúrgica sempre em benefício da vida espiritual de nosso povo. São grandes as lacunas e difíceis os obstáculos que nos cercam no presente, todavia, vão-se notando acentuadas manifestações de apreço à música eclesiástica, e denodados batalhadores desenvolvem esforços incríveis para a reestruturação da vida espiritual fundamentada na participação dos fiéis na liturgia. E a música sacra, como parte integrante desta, é pedra angular para qualquer movimento renovador. As semanas de canto gregoriano realizadas pelo Instituto Pio X do Rio de Janeiro — já em número de 19 — atestam não sòmente o interesse que o canto litúrgico vem despertando, mas o verdadeiro alcance de sua introdução na vida pastoral de comunidades religiosas e paroquiais. As visitas que temos feito a Seminários e casas religiosas para cursos e ensaios demonstram-nos o desejo vivo da participação ativa nos atos de culto. As paróquias que têm colocado como base de formação pastoral o culto litúrgico, tornaram-se esplêndidos celeiros de fôrças espirituais. E como é consolador sentirmos a correspondência dos fiéis que passam a rezar e cantar em voz alta e comunitàriamente!

No nordeste, pela terceira vez, uma iniciativa se coroa de êxito: tendo à direção o incansável batalhador que é o *Padre Jaime Diniz*, realizou-se na capital pernambucana o III Curso Nacional de Música Sacra. Um curso de férias é sempre dispendioso e cheio de dificuldades. Aquêle sacerdote procura sobrepujar os obstáculos, e sua tenacidade é amparada por pessoas esclarecidas e de visão, como o Magnífico Reitor da Universidade do Recife, *Dr. João Alfredo Gonçalves da Costa Lima*. Dando em nome de sua Universidade todo o apôio à iniciativa, poude oferecer à música sacra algo de admirável e digno de ser imitado: amplo curso abrangendo vários setores gerais e particulares da arte sagrada. O programa de 1961 foi extenso: canto gregoriano, canto coral, canto sacro popular, liturgia, legislação eclesiástica, história da música sacra, história da música brasileira, regência

coral, técnica vocal e harmonia, sendo algumas destas matérias facultativas. E o resultado será observado sòmente mais tarde: alunos dos primeiros cursos estão em grandes empreendimentos e mesmo já foram contemplados com prêmios especiais de entidades musicais ou desenvolvem grandes atividades com o canto sacro.

Durante o Curso, nas cerimônias litúrgicas e nos concêrtos (como no de encerramento onde se executou canto gregoriano, salmodia popular e canto coral com obras de Palestrina, Mozart, Fauré, Pe. José Maurício, Cezar Franck) deu-se o testemunho de aproveitamento. Mas aos alunos que vinham de vários estados da região, era preciso conceder algo que abrisse os horizontes à cultura musical e ao aperfeiçoamento artiístico: a realização de recitais e concêrtos vieram colaborar para tal enriquecimento do gôsto e da sensibilidade.

Para a maior eficiência das aulas, procurou-se ainda, além dos professores locais, favorecer a ida de outros de cidades distantes. E formou-se então numeroso corpo docente. *D. Carlos Coelho,* Arcebispo de Olinda e Recife, prestigiou o Curso não sòmente com seu irrestrito apôio mas efetivamente, dando aulas de liturgia. *Pe. Jaime Diniz,* diretor geral do Curso, administrou as aulas de legislação eclesiástica, história da música sacra e regência coral. O pianista e compositor *Valdemar de Almeida* lecionou música brasileira. *Maestro* Clovis Pereira, diretor musical da Rádio Jornal do Comércio, ensinou harmonia e *D. Arlinda Melo Rocha,* canto. De S. Paulo foram convidados o *Maestro Miguel Arqueróns,* experiente e muito competente diretor do Coral Paulistano que com enorme simpatia pessoal aliada a insinuante didática, encantou como regente e professor de canto coral, e a grande cantora *Magdalena Lébeis.* Esta enriqueceu com suas aulas de canto e sua fina sensibilidade artística não sòmente aos alunos que com ela aprendiam técnica vocal, mas tantos quantos a ouviram na interpretação notável dos mestres antigos e modernos e em especial nas canções brasileiras. Pela terceira vez, sentimo-nos honrados com o convite para dar aulas de canto gregoriano e salmodia popular.

Cabe ainda resaltar a presença do jovem pianista *João Carlos Martins.* Também de S. Paulo, foi ao Recife para executar em quatro recitais todo o "Cravo bem-temperado" de Bach. Unindo à técnica pianística sua extrema sensibilidade e seu profundo conhecimento da obra gigantesca que compreendeu e soube transmitir, João Carlos é extraordinário. Em sua simplicidade de moço é admirável.

P. AMARO C. DE ALBUQUERQUE

Está de parabens a Universidade do Recife, na pessoa ilustre e clarividente de seu Magnífico Reitor ao prestigiar a iniciativa feliz e profícua do Pe. Diniz. Que tenhamos a oportunidade de ver repetido outras vêzes o sucesso dêste III Curso.

Relação de Concêrtos realizados:

1. Cravo bem-temperado de Bach. Pianista João Carlos Martis (4 Recitais).
2. Corais: Coral S. Padro Martir, de Olinda. Regente Otoniel Mendes.

   Coral da Igreja de S. Francisco. Regente Frei Cecílio, franciscano.

   Schola Cantorum N.S. do Carmo. Regente Pe. Abelardo Bezerra.

   Schola Cantorum do Pe. Jaime Diniz.

   Coral do III Curso Nacional de Música Sacra.
3. Recital Bach: pelos alunos do Curso de Canto da Escola de Belas Artes da Universidade do Recife, sob direção da Profª Arlinda Rocha.
4. Conjunto de Câmara da mesma Escola sob a direção do Prof. Luís Soler.
5. Sonatas para violino e piano. Violinista Luis Soler e pianista Josefina Aguiar.
6. Conjunto de Câmera sob a direção de José Inácio Cabral de Lima (Música contemporânea).

Pe. Amaro Cavalvanti de Albuquerque

Rio, agosto de 1961

Crônicas Radiofônicas

A MARGEM DOS FATOS

☆ ☆

Conta-se que um respeitável eclesiástico do interior do Brasil teve a invejável mas um tanto incômoda fortuna de ver uma parenta sua bem próxima ser vencedora de um concurso de beleza dos que periòdicamente, com desproporcional estrépito, se fazem entre nós. O bom padre, supomos, se terá enchido intimamente de santo e natural orgulho, sentindo-se, pelo sangue, participante da beleza física nacionalmente — e até quem sabe mundialmente — consagrada por seríssimo veredictum. Afinal a beleza física é um dom de Deus, Deus fonte de tôda a Beleza, a própria beleza em essência. Beleza física que é até sinal, em princípio, de bem equilibrados dotes naturais da alma, a serem entretanto laboriosamente cultivados, quando antes, e em lugar dêsse cultivo, já não foram corrompidos pela mesquinhês da vaidade humana que passa a se gloriar fàtuamente de possuir o que não mereceu. Vaidade que termina por arruinar a beleza das virtudes superiores e até as do próprio corpo que gratuitamente foram recebidas, quando se quer obter delas mais, muito mais do que podem dar.

Por essa razão, tais concursos, nos moldes como são feitos, constituem matéria mais que discutível, quando não é o caso de positivamente se ter pena do que ali se passa.

Por isso tudo, o nosso respeitável Reverendo deve ter ficado em situação um tanto confusa, tendo evidentemente que dizer alguma

coisa sôbre o assunto, a todos que o conheciam e o cumprimentavam dentro dos limites um tanto restritos da sociedade de uma cidade do interior.

Sendo homem de muitas ocupações, sempre atarefado e de nenhum lazer para leituras fúteis — já não bastam as notícias da política e as crônicas da capital que afinal não se podem ignorar? — conseguiu que lhes passassem desapercebidos tantos dos fotos da consagrada e consanguínea beleza em despreocupada e quase total exposição, fotos que enchem as revistas ilustradas, pelo menos as da antiga capital federal, como se dizia lá no interior.

Eis, porém, que a beleza resolveu visitar sua terra natal. Nada mais justo. Qualquer glória que se obtenha fora do torrão natal, não terá produzido tôda a satisfação, tôda a emoção, não terá sido a verdadeira consagração da glória enquanto não a conduzirmos ao berço de onde saimos.

A consagração da mocinha bonita foi uma apoteose, foi, em linguagem mais comum e talvez mais expressiva, foi um carnaval... Seria impossível descrever tôda a vibração popular em tôdas as ocasiões em que a beleza local, estadual e agora nacional em vista de algo maior, se apresentava aos olhos encantados do povo. Não menos deslumbradas ficaram as vistas disciplinadas, castigadas, do austero parente. Em um momento em que a beleza se encontrava completamente vestida, linda, maravilhosamente vestida, o que mais maravilhosamente ainda fazia sobressair sua incomparável beleza, achou o emocionado parente que era afinal o momento de romper tão duro silêncio, era o momento de se pronunciar de uma vez sôbre tudo aquilo; mais do que pesando oportunidades e conveniências, saltou-lhe à boca a palavra incontida:

"Como ela se parece com N.S. de Fátima."

Dissera tudo o que queria, tudo o que podia, tudo o que desejava, mais não lhe permitiam suas fôrças Lavara a alma o santamente ingênuo padre do interior.

Quantos se terão rido dêle, ou quantos terão dado mostra de haver percebido sua astúcia de ficar bem com a situação um tanto equívoca, aproveitando a ocasião ainda para fazer um pouco de proselitismo, um pouco de propaganda de Nossa Senhora.

Coitada de Nossa Senhora! dirão as beatas da cidade vizinha — ser misturada com êsse Carnaval, com essa pouca vergonha!

Foi mais sensato entretanto, mais profundo, mais penetrante o nosso reverendo, em sua palavra quente e sentida de cristão e de parente, do que a princípio poderia parecer.

Certamente êle se referia à semelhança de traços da beleza nacional com a imagem venerada em Fátima e tantas vêzes reproduzida. Terá feito melhor se referiu-se à própria estrela da manhã, á

estrela do Mar que não tendo sido vista por êle, como por nenhum de nós, sabemos que é a expressão mais pura da beleza humana, da própria beleza física, enquanto deixa transparecer a beleza mais perfeita de um ser humano criado para dar vida humana, para ser a mãe do Filho de Deus feito homem.

Quando os artistas reproduziam com os meios que têm à disposição, com meios materiais, a figura da virgem conforme a descrição que Bernadette lhes fazia do que vira em suas visões; quando os artistas, davam sua obra por pronta e a apresentavam à ignorante e analfabeta camponesinha dos Pireneus, esta ficava horrorizada com a diferença entre a imagem feita por mãos de homem e a figura da beleza que ela comtemplara através das lágrimas e com quem falara na sombra da gruta. Ela, Maria, será sempre a beleza entre as belezas, é algo dela que deve ser visto entre as filhas de Eva quando verdadeiramente algo de belo, de puro e santamente belo elas apresentam.

Ela, Maria, bendita "entre as mulheres", em cada uma, em tôdas elas, de algum modo será vista, de algum modo honrada e venerada, Ela, Virgem e Mãe. Assim cantou o Poeta diante da gruta de Lourdes. Ela, está presente como em visão. Ele está presente cada dia como visão que se repete, sempre renovada. Ela estará, em visão, em intercessão, no último momento, quando começará a visão sem véus, na Glória, no esplendor do Filho que Ela gerou e que é Deus. Ela, entre as mulheres, bendita; em cada uma, em tôdas elas de algum modo será vista, de algum modo honrada e venerada.

No momento em que a mulher faz tudo, usa de todos os processos e liberdades para corromper sua beleza e por causa dessa beleza rebaixa-se da maneira mais vil, é positivamente um ato de boa vontade, uma tentativa de otimista recolocação do problema em seus verdadeiros termos, querer, com olhos amigos e benévolos, encontrar em uma mulher que se diz bela, algo de semelhante com aquela que é bela, porque é; bela como a lua, temível como um exército em formação de batalha.

Será sempre, sempre, um movimento de pureza, de profundeza, de amor, de verdadiro amor, de querer bem àquela que Deus concedeu ao homem como sua companheira, o querer encontrar em cada mulher algo de semelhante àquela que é bendita entre as mulheres, que é santa e imaculada e por isso é bela, resplandece em harmonia, em suavidade, em encanto.

Quando a companheira do homem às vêzes se rebaixa tanto, desconhece tão grosseiramente às vêzes, o segrêdo de sua fôrça, de sua dignidade, de seu fascínio, deveria partir dos homens,dos homens de boa vontade, dos que sabem realmente amar, deveria partir dêles a iniciativa generosa de elevar as que se rebaixam, de dar valor alto

as que se barateiam, de dignificar as que menosprezam o que há de grande em sua condição de ser humano, sôpro de Deus, de ser mulher, mãe de seres humanos.

—0—

Entre os hinos que o repertório litúrgico conserva e canta em honra de Maria Virgem, ocupa importante lugar por sua beleza o Hino Ave Maris stella.

Ave Maria stella, Dei Mater alma, atque semper virgo felix caeli porta. Êste hino atribuido a um poeta do século VI° de nome Venâncio Fortunato tem tido no decorrer dos séculos várias melodias gregorianas a ornar-lhe as expressivas palavras. Ouviremos a mais conhecida delas, já muito divulgada no século XII.

Delicada e discreta, ao mesmo tempo vivaz e graciosa, atinge certo entusiasmo quando lança seu vôo inicial que em dois saltos ou etapas passa do ré grave ao agudo, mantém-se entretanto profunda por sua tessitura geral grave. As palavras falam em sua poesia, dentro dessa nova dimensão musical que as considera tanto, fazendo com que pairem e irradiaem, das elevações ritmícas, os acentos tônicos, almas das palavras.

O mesmo texto literário nos é apresentado com uma melodia mais simples, espécie de redução do tom solene que acabamos de ouvir, se é que êste não é uma complicação da melodia mais simples e mais antiga, como frequentemente acontece no repertório gregoriano.

Encantadora em sua graça juvenil e de doçura muito simples, totalmente silábica, obtem uma permanente combinação de leveza e amplidão especialmente dos acentos tônicos no alto do rítmo, como convém ao espírito do rítmo verbal da palavra latina.

—0—

No decorrer da última semana, o mundo, internacional voltou a ocupar-se de modo agudo com as pretensões do setor oriental, ou mais precisamente, dos russos, sôbre a cidade de Berlim que se transformou hoje, um tanto artificialmente no ponto crucial do equilíbrio entre Ocidente e Oriente.

Ceder totalmente Berlim ao mundo comunista significa, mais simbólica que concretamente, uma abdicação importantíssima por parte dos defensores das democracias ocidentais. A Alemanha infunde temor aos russos e satélites, quando não por todos os cruentos precedentes dos últimos tempos, ao menos, pelo fato de ser a democracia, portanto, o inimigo, mais próximo. É preciso ganhá-lo, isto é, sub-

metê-la aos pouquinhos insensívelmente. É esta a mais moderna tática bélica dos russos, que tem dado bons resultados, ao menos aparentes.

Entregar Berlim será abrir o fio da meada. Por isso os ocidentais fincam pé numa aparente insignificância. Enquanto êsses se mantiverem inexoráveis os orientais retrocederão pois agir de outra forma seria abandonar a referida tática bélica que tem dado resultados tão apreciáveis em todos os continentes. Mas nem sempre a fria lógica funciona invariàvelmente, matemàticamente onde entra a espontânea iniciativa da liberdade humana, por isso, cada crise destas é sempre ocasião para que as mentes dos homens se levantem a Deus. Que os anjos da Paz, que dia e noite vigiam o trabalho e o sono dos homens, das mulheres e das crianças, estejam ainda mais atentos que os tripulantes daqueles aviões que dia e noite estão nos ares carregados de bombas, prevendo o caso em que tôdas as bases sejam simultâneamente, num só instante, destruídas de surprêsa. São assim as novas categorias dos novos tempos.

Nem Deus nem os anjos, porém, se surpreendem com elas. Êles ainda são mais ligeiros que o pensamento dos homens. Antes que peçamos alguma coisa já sabem o que vamos pedir e já se prontificam em nos atender. Pedi e recebereis, batei à porta e vos será aberto. Que os coroções e as vozes se levantam para Deus.

Nos últimos dias também, ainda no plano universal ecoou amplamente, num sentido bem diverso do fato a que acabamos de nos referir, a palavra pacífica, serena, construtiva e seria do ancião Pontífice, o Papa João XXIII com a sua carta Encíclica, isto é, circular universal intitulada "Mater et Magistra" — Mãe e Mestra referindo-se naturalmente à Santa Igreja, Católica, Apostólica, Romana, encíclica dedicada aos problemas sociais, ao problema da convivência pacífica das classes sociais, dentro das quais os homens lutam por sua sobrevivência. Com êste documento, o mais extenso dos que tem pronunciado a Sé de S. Pedro nos últimos tempos; desejou o Papa reinante comemorar o septuagésimo aniversário da célebre encíclica sôbre semelhante tema, a "Rerum novarum" redigida por seu predecessor, o não menos célebre Leão XIII.

Não nos sobra tempo em nosso programa de hoje para falarmos um pouco mais detidamente sôbre êsse novo documento; não nos faltará, porém ocasião para a êle voltarmos com mais vagar.

Em campo bem mais restrito, mas bem mais próximo, participamos nos últimos dias da 18º Semana de Estudos Gregorianos organizada e dirigida pelo Instituto Pio X do Rio de Janeiro.

Semana de Estudos técnicos de uma música antiquíssima e venerável, semana de execução dessa música que é oração na beleza

de uma arte sublime, semana de prece comunitária, de fraternidade, de compreensão, de paz, de elevação de nossas vozes humanas à procura de Deus.

(Irradiado a 29-7-1961).

Foi em uma manhã maravilhosa, de céu limpidíssimo, onde não faltavam nem o sol nem a lua, os dois grandes testemunhas das grandezas da criação, foi em uma linda manhã sob os céus de Roma, em plena praça de S. Pedro, repleta de uma representação bem significativa de tôda a Cristandade, foi na manhã inegualável de 1.º de Novembro de 1950 que em meio à praça celebérrima diante da Basílica mais célebre do mundo se ergueu a figura hierática de Pio XII e proclamou como Papa, com sua autoridade infalível, o novo dogma definido:

"Maria, a imaculada Mãe de Deus, tendo terminado os dias de sua vida terrestre, foi elevada, corpo e alma, à glória celeste."

É essa verdade que a liturgia já celebrava há séculos, desde a Idade Média, que agora continuamos a celebrar no dia Santo de 15 de Agôsto, com renovado ardor e até com outro formulário dos textos liturgicos. Assim é que para o canto de entrada: o Intróíto, temos agora o texto do Apocalipse: "Signum magnum," com o qual, o Apóstolo S. João descreve sua visão: Um grande prodígio apareceu no céu: — uma mulher revestida de sol, a lua sob seus pés, uma coroa de doze estrelas sôbre a cabeça."

Quanto é significativo tudo isso para nós hoje, que nos enchemos de soberba por andarmos engatinhando muito abaixo da lua quando a mulher há 20 séculos já se vestia de sol e tinha a lua a seus pés. É bem verdade que seus meios de ascensão eram muito outros. Eram e são aqueles que Deus, criador de tôdas essas luas, soís e estrelas, pôs à nossa disposição, quando se fêz homem como nós e morreu por nós para ressurgir por nós.

Ouviremos o Introíto "Signum magnum" com o verso do salmo "Cantate Domino" por um grupo do Colégio Santos Anjos que se prontificou a vir abrilhantar nosso programa com seu gregoriano bem burilado pela Irma Maria Filomena, antiga aluna, e, hoje, professôra do nosso Instituto Pio X.

Logo em seguida, o mesmo côro que acaba de interpretar as palavras apocalípticas sôbre os prodígios e maravilhas do Deus, criador de tôdas as coisas, interpretará os sentimentos bem humanos dos sêres criados diante de tal Criador e Redentor. É o canto humilde e recolhido, mas confiante, do Kyrie eleison.

A maravilhosa harmonia que unia o corpo e a alma de Maria em consequência de sua Imaculada Conceição, não foi quebrada nem perturbada por qualquer pecado. E porque não conheceu a corrupção da falta, não conheceu também ela, a corrupção do túmulo.

Participou antecipadamente dos méritos da redenção realizada por Seu divino Filho, participa de sua ressurreição e ascensão. É êste, desde então, o segrêdo das definitivas e incomparáveis ascensões. O Alleluia da Missa do dia 15 comemora a alegria do exército dos Anjos diante da assunção de Maria nos céus.

"Ela sobe, ela avança
Como um exército em batalha
Toma de assalto os céus
Onde já o espera, glorioso,
Um corpo, o próprio corpo de Deus
Que trouxe um dia no seu."

(Dom Marcos Barbosa).

"Assumpta est Maria in caelum gaudet exercitus Angelorum". Canta o Côro do Colégio Santos Anjos.

O Canto Sacerdotal do Prefácio é na missa, o grande canto de Ação de Graças à Trindade Santissima por tudo de grande realizado por Deus. Na Missa do dia 15, faz-se especial menção à Assunção de Maria que louvamos e proclamamos, Ela que concebeu do Espírito Santo, e permanecendo com a glória da virgindade derramou sôbre o mundo a luz eterna: Jesus Cristo. A Ação de Graças do Sacerdote é interrompida pela proclamação de tôda a Assembléia: Sanctus, Sanctus, Sanctus, os ceus estão cheios de vossa glória — É o que ouviremos a seguir:

O Canto da Comunhão transcreve um verso do Cântico do Magnificat de Nossa Senhora onde ela anuncia proféticamente: Feliz me proclamam tôdas as gerações, pois fêz em mim maravilhas Aquele que é todo poderoso. É nada menos que tôda a grandiosidade da nova Aliança de Jesus que é anunciada nestas palavras, por tudo que ela repercurtiu e transbordou sôbre a mais pura das criaturas humanas.

Vamos ouvir a Communio: "Beatam me dicent omnes generationes quia fecit mihi magna qui potens est."

A festa do dia 15 de Agôsto com textos literários e musicais tão lindos e expressivos como acabamos de constatar, na execução dêste pequeno Côro do Colégio Santos Anjos, — a festa da Assunção nos enche de esperança, de confiança em nossa condição humana, em nosso corpo mortal, corruptível mas que harmonizado com uma alma que se santifica pela Santidade do Cristo e da Assunta, subirá também êle ao céu, terá aos pés a lua, se revestirá com a luz do sol, verá de muito alto os que tentam ir e voltam sob o pêso de sua arrogante impotência. Vai quem Deus chama, vai e fica porque é lá a Pátria dos que superando os ídolos de glória fugaz e caduca, renasceram para a eternidade.

(Irradiado a 12-8-1961)

PALAVRAS DE DEUS, PALAVRAS DOS HOMENS

As palavras humanas se levantam para Deus não de uma maneira qualquer. Como é perfeitamente natural e lógico ainda que pouco coerente com o vazio orgulho dos homens, as palavras as idéias, os conceitos descem de Deus, que é a própria fonte da Sabedoria e da Inteligência, para depois de recebidas pelos homens, recebidas, assimiladas, repensadas, reanimadas, brotaram como algo de próprio do coração humano, à procura de Deus, de onde saíram. Não será por ventura êste o processo normal pelo qual a própria natureza e as faculdades humanas produzem o que quer que seja?

Não será preciso que a terra antes se abra para receber a semente e só depois se apresentará em condições de produzir alguma coisa? Não é também verdade que nada possuimos que não tenhamos antes de algum modo recebido? Assim, recebemos a vida, que é nossa, mas que não veio de nós, assim recebemos a graça de Deus, que é nossa, mas que não veio de nós, assim recebemos a doutrina, a palavra de Deus, que fazemos nossas e como nossas, sobem de novo a Deus. Se quisermos saber como Deus se manifesta a nós para nos dar o sêgredo da vida, temos que recorrer à palavra mesma de Deus: à Sagrada Escritura; e o centro da Sagrada Escritura é Jesus Cristo mesmo, no centro entre os dois testamentos, como no dia da transfiguração, no alto do Tabor, cumprindo as promessas antigas, impulsionando os apóstolos na nova aliança do amor que é vida e salvação. A Sagrada Escriura, a Bíblia nos fala do Cristo, prefigurando o que Êle fará, eis o Antigo Testamento, narrando o bem que Êle distribuiu pelo mundo, a doutrina de salvação que pregou aos homens de boa vontade, eis o Novo Testamento. As palavras sagradas falam pois da Palavra Sagrada por excelência, do Verbo de Deus que se fêz carne e habitou como homem entre nós. Habitou, cumpriu sua missão redentora e voltou para o lugar de onde viera. Mandou-nos o Espírito, êste continúa a ser mensagem de Deus para os homens, Deus continúa a falar aos homens através da Sagrada Liturgia que realiza o prodigio de ser palavra de Deus aos homens e de ao mesmos tempo ser palavra dos homens a Deus. Assim, em cada texto que oramos ou que cantamos, é Deus que nos diz alguma coisa e somos nós que dizemos algo a Deus ou melhor é Deus mesmo que nos diz o que nós devemos dizer a Êle. É essa, evidentemente a única maneira honesta e realista pela qual o homem pode ter relações

com Deus, se é que o nosso Deus é Deus mesmo e não apenas um ídolo de pés de barro. fabricado por mãos humanas, se não é um ser humano deificado, um produto da imaginação humana.

Se Deus é Deus mesmo, tudo o que dirigimos a êle em palavras, em pensamentos, em oração, vem dêle mesmo.

Tudo é nosso e tudo é d'Êle. Tudo dêle enquanto causa primeira, tudo nosso enquanto causa segunda. Eis portanto como falamos palavra divina quando nos dirigimos a Deus com as palavras e as vozes humanas da Liturgia. Deus ainda nos fala pelo Seu Espírito que enche o orbe da terra, quando o representante de Cristo na terra nos fala. Ora nos fala com a solenidade e a extensão de uma enciclica tratando às vêzes mesmo de problemas de sabedoria humana iluminada sob os focos da sabedoria eterna e divina. Eis por exemplo a Encíclica "Mater et Magistra" do Papa João XXIII a que nos temos referido nêste programa e à qual ainda voltaremos, em virtude de sua importância atualidade e beleza. Ora o nosso ancião sempre de bom humor, apesar das angústias que o cercam de todos os lados, nos dirige palavras breves, aplicações felizes da Sagrada Escritura a situações presentes que nos revelam um são otimismo cristão e mostra a posição de quem encara as coisas do mundo sob a luz sobrenatural, relativamente àqueles que com presunção, se gloriam de seus sucessos técnicos e políticos.

"Sim, diz o Papa, nós estamos diante do gigante Golias, e quem sabe? desperdiçamos palavras demais, que poderiam antes ser usadas com melhor proveito em oração ou no formular bons conselhos para a santificação de nossa vida e da do próximo. Encontramo-nos diante de quem parece enorme: mas não é forte, não é sólido, vive de incursões errôneas, da avidez, da violência. Às vêzes sentimos o temor e desanimamos, ao pensar no dia de amanhã. E no entanto, êste gigante deverá ceder diante da vontade, da graça, da misericórdia de Deus. Nem devemos pensar que deva ser destruição e ruína universal a vitória de um tal Golias, porque mesmo nos seus domínios, sobrevivem almas nutridas com a mesma luz que nós ou permanecem fiéis, ou estão bem próximas de nós pela participação no mesmo ideal cristão e apostólico. A simplicidade do pequeno Davi, que com sua insignificante atiradeira destruiu o gigante, se reflete naqueles que se erguem apenas com armas da santidade e com as bençãos de Deus — "in virtute Del", como diz o texto sagrado, e diante dessa fôrça de Deus desmoronará o gigante de pés de argila, o gigantesco da técnica, do poder do dinheiro e da fôrça bruta à serviço da matéria e da violência. Desmoronará mais cedo ou mais tarde sob a ação silenciosa do bem, sob a fôrça inelutável do espírito e do amor; desmoronará porque fundado sôbre o inconsistente, sôbre uma consistência ma-

terial, sem forma, sem espírito, sem alma. Quando tudo voltar à poeira da matéria, há ainda um espírito, uma alma que sobra e essa é indestrutível, é imortal.

—0—

Aproveitando ainda o côro do Colégio Santos Anjos que prestou ótima colaboração em nosso último programa da Assunção, cantaremos o Prefácio da Trindade seguido do Sanctus. — Êste Prefácio é cantado em todos os Domingos depois de Pentecostes e desenvolve como tema de louvor, dentro do quadro típico e clássico do canto de ação de Graças dos Prefácios romanos, o da própria Trindade Santíssima um Deus em três pessoas: Deus que é Pai, o Filho que é Salvador e o Espírito que é Amor entre o Pai e o Filho, e que é Santificador.

Um Deus, não na singularidade de uma só pessoa mas na Trindade de uma só substância. São êsses misteriosos conceitos que Deus revela de si mesmo que o Sacerdote canta em louvor e ação de Graça, na sobriedade expressiva da melodia gregoriana do Prefácio romano.

—0—

A celebração da missa é repetição do Sacrifício do Cristo na Cruz sob a forma de ceia, pois foi em uma ceia de Páscoa que Cristo antecipadamente comemorou seu Sacrifício do dia seguinte, instituindo o sacramento do seu Corpo e do seu Sangue sob a forma exterior de Pão e de vinho. Sacramento que mandou fôsse repetido. Assim, na missa, depois do oferecimento do Sacrifício do Cristo realmente presente sob as espécies de pão e vinho, espécies que simbolizam a separação sacrifical do Corpo e do Sangue, segue-se uma refeição, a comunhão. Ao dar início a êsse rito de comunhão, como preparação para ela, canta o Sacerdote a oração que o Senhor Jesus ensinou a seus discipulos, o Pai Nosso. É o Filho que nos ensina a chamar a Deus de Pai e de Pai Nosso. Nesse Pai que é nosso somos irmãos, todos irmãos. Pedimos que seu nome seja santificado, seja honrado pelos homens. Que seu reino se instaure em nós, que cumpramos de coração sua Vontade como ela é cumprida no Céu.

Que o pão cotidiano nos seja dado: pão do corpo, pão do Espírito, que sejamos dignos de recebê-lo dia por dia, todos os dias.

Que perdoai-nos nossas dívidas assim como nos propomos perdoar aos nossos irmãos. Que não caiamos em tentação.

Mais uma vez verificamos: só ousamos dizer tudo isso a Deus porque Deus mesmo nos ensinou a dizer. Por essa razão o canto do Pater é precedido de um Oremus onde se diz que instruídos pelos divinos ensinamentos ousamos dizer: Pai Nosso.

Eis o Pater na melodia gregoriana que lhe serve de sustento e de expressão.

Ei-lo numa melodia ainda mais simples, o tom chamado ferial que tem, porém, o dom de tornar essas palavras da oração, mais autênticas, mais sentidas e mais suplicantes.

É um verdadeiro recitativo expressivo com a palavra do Cristo feita para nós.

Antes de receber a comunhão tôda a assembléia dos fiéis considera por um momento o mistério de infinita distância que vai entre o homem e Deus, considera-o especialmente porque nêste momento os homens vão receber e alimentar-se do corpo de Deus feito homem.

Diante dêsse mistério de infinita distância, lembram-se os homens da misericórdia divina, lembram-se que o Cristo se fêz homem, se fêz até como o Cordeiro Sacrificado, à imagem dos sacrifícios dos cordeiros da Páscoa Judaica, fêz-se como o cordeiro silencioso que é levado ao sacrifício para lavar com seu sangue imaculado as manchas dos nossos pecados.

Eis porque os fiéis cantam antes da Comunhão 3 vêzes o Agnus Dei. Cordeiro de Deus que tirai os pecados do mundo, tende piedade de nós — 3.ª vez, dai nos a paz. É o que ouviremos pelo côro do Colégio Santos Anjos.

Ao terminarmos nosso programa de hoje agradecemos a colaboração preciosa das cantoras do Colégio Santos Anjos sob a direção competente da Irmã Maria Filomena. Nós agradecemos; serão elas, entretanto que dirão o Deo Gratias ao Ite IX que cantaremos.

(Irradiado a 19-8-1961)

O EVANGELHO DOS LÍRIOS E DOS PÁSSAROS

Não são poucas as vêzes que as palavras de Jesus, que não deixam de ser palavras humanas, usam das mais belas imagens que nos são sugeridas pela natureza como aquela: "olhai para os pássaros do Céu que não semeiam nem colhem nem fazem provisões nos celeiros", ou como aquela outra: "olhai os lírios dos campos como crescem, não trabalham nem tecem", para nos envolver em uma lógica cerrada que nos conduz decididamente às conclusões de ordem mais sobrenatural e mais divina, com conseqüências, entretanto, muito sensíveis no plano de nossa vida puramente humana.

É assim aquêle trecho magistral e divino do capítulo 6.º de S. Mateus em que o Mestre expõe sua doutrina em face do comportamento comum dos homens: "Ninguém pode servir a dois senhores, ou detestará um e amará o outro, desprezará um dêles, apoiando o outro."

Êsses dois senhores tão incompatíveis de serem servidos por uma só pessoa não são dois senhores quaisquer, são dois senhores muito es-

peciais, muito absorventes, profundamente ciumentos do serviço que lhes possa prestar alguém. A frase seguinte nos dirá quem são: "Não podeis servir a Deus e às riquezas".

O texto original usa para "riquezas" a palavra "mammonae" palavra estrangeira para os Hebreus que entretanto, com ela, designam de modo pejorativo as riquezas, as riquezas da iniquidade, as riquezas, os bens, os poderes dêste mundo que são capazes de serem idolatrados pelos homens, que têm a audácia de ocupar no espírito dos homens o lugar de um deus.

"Razão por que, continua o Evangelho, não vos inquieteis a respeito de vossa subsistência, dizendo que terei para comer, e como cobrirei meu corpo?

Não é a vida mais que o alimento? e o corpo não vale mais que suas roupas? Olhai para as aves do Céu. Elas não semeiam nem colhem, nem fazem provisões em seus celeiros, contudo Vosso Pai celeste as sustenta.

Não valeis acaso muito mais que elas? Ou pensais que com nossos cuidados e inquietações podeis acrescentar um centímetro mais à vossa estatura ou — talvez em tradução mais fiel, acrescentarieis porventura algo à duração de vossa existência? E por que vos inquietais a respeito de roupas? Olhai os lírios dos campos como crescem, não trabalham nem tecem, no entretanto, eu vos asseguro que nem Salomão com tôda a sua glória se vestiu tão bem como um dêsses lírios. Se, pois, Deus veste assim a erva do campo que hoje aí está e amanhã será lançada ao fogo, que não fará por vós, homens de pouca fé? Não andeis pois, inquietos, dizendo: Que comeremos ou que beberemos ou como nos vestiremos? Os pagãos, sim é que se preocupam com tôdas essas coisas.

Procurai antes de tudo o Reino de Deus e a sua justiça e tôdas essas coisas vos serão dadas por acréscimo."

É impossível falar de tão alto e ao mesmo tempo falar de tão perto, como o faz o Senhor aqui: Êle usa de argumentos bem palpáveis que nos obrigam a sermos coerentes com a lógica natural das coisas. Se não seguimos essa lógica então é porque temos realmente muito pouca fé, é porque nem acreditamos firmemente na existência de um ser superior, de uma inteligência criadora e ordenadora das coisas que emanam de seu poder criador. Ora, nisso, só mesmo os pagãos, talvez, deixarão de crer e, na realidade somos todos tentados a proceder como os pagãos.

Fala-nos, portanto, do que está mais a nosso alcance e ao mesmo tempo, levanta-nos, ergue-nos a uma superação de nós mesmos quando nos fala não apenas de um Deus longíquo, coordenador frio e distraído do tratamento adequado a dar às aves, aos lírios, a Salomão e aos restantes mortais, mas quando nos fala de um Pai celeste, de

um Pai do Céu, que é verdadeiramente Pai; mais Pai que todos os pais da terra porque é o Pai dos Céus, que ama a cada um como se fôsse o único, porque o ser Pai para êle é realizado com perfeição infinita. É por causa dêsse Pai, é para sermos menos indignos da perfeição dêsse Pai, que as últimas palavras nos convidam a procurar primeiro o reino de Deus e a justiça, isto é, a perfeição de sua realização, e todo o resto será nosso. Num plano muito alto isso é a verdade mais comum. No plano da vida ascético mística, o princípio mais universal que se costuma designar pelo Todo y Nada de um S. João da Cruz, é o princípio do tudo possuir através do nada desejar possuir.

Essa profunda purificação do desejo é a fonte da mais perfeita felicidade, da mais completa fruição, pois à medida que o desejo é aniquilado, isto é, que êle é conduzido ao nada, êle caminha, não direi a passos largos, mas na verdade a passos seguros e certos para o encontro com o tudo que está na mais íntima profundeza de todo o ser, para o encontro com Deus.

Esse Evangelho nos fala, assim, bem de perto, do mais elementar bom senso espiritualista de quem afinal não é totalmente pagão, de quem já crê, um pouquinho em Deus, até a concepção mais profundamente espiritualista da vida humana que só se vê e se reconhecerá naquele que é Tudo e do qual ela é o nada; que só se encontrará realmente a si mesma voltando à realidade despida de disfarces do seu nada onde, afinal, estará o mais perto possível do seu Tudo.

Por isso, é com serena confiança que a Liturgia se compraz em apresentar, nêste Domingo de amanhã, o 14.º depois de Pentecostes, esta palavra de Sabedoria divina universal na tranquilidade de uma cantilena expressiva, que ao mesmo tempo, não se impõe, mas se esconde atrás da palavra de sabedoria que ela quer pôr em destaque e comunicar aos fiéis de todos os séculos, de todos os rincões, de tôdas as idades, físicas, mentais e espirituais.

Ouçamos essa palavra de eternidade, de vida, de sabedoria para o trato das coisas do tempo; em sua estilizada melodia gregoriana.

Haverá realidade mais palpável em nossos dias que essa descrita pelas palavras de há vinte séculos? O que encontramos diàriamente nos jornais e nas relações entre os homens não será a obcessiva preocupação com o que comer e com o que vestir. Mais que isso, verificamos que é o próprio poder estatal e político que explora e desenvolve essa natural solicitude humana, para tornar-se o senhor absoluto das consciências.

Há alguns dias uma notícia veiculada pelo orgão da propaganda soviética, orgão que fabrica sob medida a verdade dos fatos, anunciava que dentro de certo tempo, haverá para todos os cidadãos (não sei se será a palavra conveniente) para todos os habitantes da União Soviética, pão, casa e roupa fornecidas indistintamente pelo Estado. De

passagem, declaramos que fazemos todo o empenho em levar a sério a declaração de promessa do paraiso moscovita mas, ao mesmo tempo assalta-nos a pergunta: Será que os russos desenvolveram de tal forma o progresso técnico e científico, fabricaram as bombas mais poderosamente destruidoras do universo, construiram foguetes e sputniks que batem todos os records de voltas em tôrno da terra, que irão qualquer dia à lua, que fabricam em série cadelas e outros bichos voadores do gênero Gagárin e Titov, será que chegam a essa maravilhosa culminância de progresso, de domínio da matéria ou tudo mais que se queira para, no fim de contas, no campo da economia, da subsistência do super-homem russo prometer-lhe como algo de sublime nada mais nada menos que o regimen econômico a que vivia submetido o negro escravizado no Brazil de 1800?

Pão, casa e roupa, às vêzes pancada e sangue, — mas isso não está dito que deixará de haver nos campos da Sibéria — mas às vêzes, também um pouco de carinho, de mãos mais delicadas e humanas que as patas do urso estatal.

Não quero entretanto me estender sob êsse aspecto grotêsco da presunção humana; enquanto homens, ficamos todos, sem distinção de credos, envorgonhados com ela.

Fiquemos no âmbito do nosso texto, tranqüilo e poético, na atmosfera das palavras de Jesus transmitidas pelo evangelista:

Quem serve a êste Senhor terá ódio do outro. O Senhor da matéria quer absorver e conquistar seus servidores, desconhecendo, desprezando odiando tudo que procure abrir as vistas para mais alto, elevar os corações para ambientes mais puros, mais luminosos, mais sobre-humanos e mais humanos.

Êles, os homens, têm tendência a se angustiarem com o que comer, com o que vestir, onde morar, raciocina o Senhor das "mamonae" da iniqüidade e decide consigo mesmo, vamos dizer aos homens: é verdades êste problema é gravíssimo, a fome mata a humanidade, há uns poucos que têm demais, vamos odiá-los, vamos espoliá-los, vamos revolucionar e acabar com as desigualdades entre os homens; mas não se preocupem, deixem que nós, o Estado, resolveremos tudo isso, daremos pão e casa e roupa, basta que nos idolatrem, basta que alienem isso que não dá pão a ninguém, a vossa alma, a vossa liberdade, a vossa inteligência e vontade; basta que nos dêem êsse pouco; se não derem também não tem importância, nós sabemos como arrebatá-lo.

Continua o raciocínio oficial:

— Já que êles nos deram tudo, vamos diverti-los com nossos vôos, haverá sempre quem passe em acreditar em nós com isso, vamos também prometer que daremos pão e roupa, é preciso que estejam sendo sempre tranquilizados na fonte primária de suas obcesssões, é claro que não daremos tudo que prometemos, pois afinal precisamos fazer

nossos vôos, onde tirar dinheiro para tudo isso, mas não custa prometer, assim também responderemos a qualquer observação indiscreta dessas espécies de embaixadores que andam por aqui a ver se comemos bem.

A mensagem evangélica usa evidentemente de outra dialética: parte do mesmo princípio, da mesma observação de que os homens se angustiam, se exasperam com o que comer e com o que vestir. Nada pede ao homem: convida-o apenas a olhar para os seres da natureza que valem muito menos que êle homem e pergunta-lhe: é lógico que tu não encontres o que comer quando os outros encontram? Não haverá alguém que pense em ti? Não haverá um Pai celeste que te quer mais, que te reconhece mais precioso que todos os outros sêres que não têm um espírito. É um convite portanto à confiança, e à confiança no Espírito de um criador que é Pai. Não basta, porém, confiar, é preciso buscar realmente o reino dêsse Pai e êsse reino é um reino de justiça, virtude que não se obtém desenvolvendo os apetites da matéria e suas obcessões, mas atrvés do domínio destas pelas fôrças do espírito e do amor fraterno entre os homens.

A síntese dessa palavra de Sabedoria atualíssima que nos é repetida incansàvelmente por uma liturgia sempre mais antiga e sempre mais nova está expressa em duas pequenas antífonas gregorianas próprias do Domingo de Amanhã. A primeira do Oitavo modo Gregoriano orna em recitativo quase silábico as palavras: "Nolite solliciti esse"" Não vos preocupeis dizendo: Que comeremos, que beberemos — o vosso Pai celeste *sabe* (nessa palavra *scit* está o polo expressivo da peça) o que vos é necessário.

A segunda no 1.º modo canta o clássico: "Quaerite primum regnum Dei et iustitiam eius et haec omnia adiicientur vobis."

Procurai primeiro o reino de Deus e sua justiça e tôdas essas coisas vos serão dadas por acréscimo.

Sôbre essa procura verdadeira da Justiça falaremos no próximo Sábado servindo-nos de algumas considerações da encíclica Mater et Magistra.

(Irradiado a 26-8-1961)

A PROCURA DO REINO DE DEUS

A palavra de Deus que acode às angustias da humanidade oprimida pela obcessão, às vêzes quase desespêro a respeito do que comer, do que vestir, como subsistir, não é uma simples palavra quimérica, de consôlo, sem conteúdo real e concreto. Muito ao contrário. Quando o Evangelho dos pássaros do Céu e dos lírios do campo, como vimos no sábado, nos fala que não devemos estar preocupados com o que comer e vestir, pois há um Pai celeste que se ocupa de nós, não está

fazendo poesia no sentido de uma utopia embaladoura das mentalidades sub-desenvolvidas. Está verdadeiramente indo ao fundo do problema, está tentando raciocinar em bases fundamentalmente filosóficas e metafísicas com o homem, com qualquer homem, pois qualquer homem é capaz de filosofar quando evidentemente êle não se investe das funções de certos tipos de filósofos que acham que só o serão quando começarem a filosofar como se as categorias filosóficas não existissem. É preciso recorrer a categorias filosóficas quando se filosofa, e mesmo carroceiros e varredores raciocinam como verdadeiros filósofos, como verdadeiros homens, quando resolvem usar da inteligência, o que às vêzes acontece mesmo com mais freqüência do que costuma acontecer com certos filósofos de profissão.

Realmente recorrer ao Pai da Criação é simplesmente abordar a fonte de qualquer solução para o problema, é ter uma elementar intuição de bom senso. Mas a palavra evangélica não propugna nem aconselha uma atitude estática, de doce e irresponsável quietismo; não é essa a vontade do Pai, aquela que pedimos seja cumprida assim na terra como nos Céus, e pedimo-lo imediatamente antes de pedir que o pão nosso de cada dia nos seja dado — hoje — na santa confiança dos filhos de Deus. Pedimos o Pão de hoje para hoje, não que já tenhamos hoje o capital que garantirá o pão daqui a dez ou vinte anos, até o fim de nossa existência. Mas esta já é outra história.

A vontade dêsse Pai em que confiamos, que absorve em sua providência paterna as nossas angústias de pagãos, como diz o Evangelho, (isto é, daqueles que não têm em quem confiar se não em si mesmo), a vontade desse Pai é que procuremos, para não vivermos obcecados, que procuremos em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça e todo o resto nos será dado por acréscimo.

É coisa muito séria êste querer primeiro o reino de Deus e sua justiça. Êsse reino é um reino de justiça, é um reino de amor, de caridade, isto é, um reino que se constrói com a fome e sêde de justiça, com a misericórdia, com o consôlo que se obtem através do pranto, com a posse que se obtem pela pobreza — é bem o reino das bem aventuranças — o reino da visão de Deus que se obtem pela pureza de coração, o reino em que seremos filhos se formos portadores de Paz, o reino da Vida sem fim que se obtem através da morte. Será quimério, irreal, de rósea consolação o reino das bem-aventuranças? ou será o reino que se conquista com os trabalhos mais duros, com os combates mais heróicos, ainda que os mais silenciosos e escondidos das vistas grossas e escamosas dos pensadores da economia, dos políticos realistas que constroem um mundo de matéria que se devora e se destrói a si mesmo e aos que nêle acreditam?

A doutrina evangélica do procurar o reino e a justiça é profundamente realista, exige severas medidas econômicas, exige a grandeza de alma, a liberdade que enobrece a natureza humana no momento das

grandes opções. Um jovem rico, certa vez, se entristeceu por ter de recuar diante do que a êle e dêle pedia a doutrina das doces consolações e no trecho mesmo que antecede o poético evangelho dos pássaros e dos lírios, lemos no cap. 6.º de S. Mateus: "Não queirais acumular para vós tesouros na terra onde a ferrugem e a traça os consome e onde os ladrões os desenterram e roubam, mas acumulai — tesaurizai — diz a palavra original — para vós tesouros no Céu, onde nem a traça nem a ferrugem os consome e onde os ladrões não os desenterram nem roubam". Vemos aqui de uma maneira claríssima que todo o sentido desta sabedoria é a libertação da alma para o vôo que ela aspira; se os tesouros a impedem, a sobrecarregam, é preciso libertar-se dêles para voar livre para o alto.

Se, por um lado, temos que vencer a obcessão do não ter e procurar o Pai celeste, voar para Êle livre de quaisquer angústias com as coisas terrenas que nos possam faltar; da mesma forma, agora, são as angústias do ter muito que teremos de vencer, abandonando os tesouros da terra que nos escravisam para procurar os do Céu que nos libertam.

Vemos que a solução é idêntica para qualquer tipo de angústia relativamente aos bens terrenos, quer ameacem faltar, quer existam de sobra: a solução é a libertação do Espírito, é a posse dos bens imperecíveis do Espírito. É a solução diametralmente oposta a dos economistas do mundo da matéria, da escravidão, do infinito progresso em armas de destruição, da opressão e do ódio. Dá-me só a tua alma, só ela e a tua liberdade e eu te darei um dia o pão do Estado, a casa do partido, a roupa da nossa imensa penitenciária, a assistência médica de nossa modelar coudelaria.

Poderá faltar pão, mas terás o orgulho de seres compatriota, ou camarada dos maiores astronautas que divertem o mundo no novo circo cósmico. Sim, às expensas apenas de um pouco de teu pão e um pouco de tua liberdade.

A luta pela justiça, a conquista da justiça na liberdade é palavra de ordem do Evangelho, é palavra de todos os tempos, é palavra da Mater et Magistra de João XXIII quando ensina a respeito de justiça, de salário, de pão e ao mesmo tempo nos fala de liberdade e dignidade humanas e cristãs; pois nada terá sentido para o homem verdadeiramente digno dêste nome sem o cultivo dêsses valores fundamentais. Diz-nos a Encíclica:

"Mas é preciso conformar às leis da justiça, não só a maneira pela qual os bens adquiridos pelo trabalho são divididos, mas também as circunstâncias nas quais os homens produzem êstes mesmos bens. É uma exigência da própria natureza que àquele que produz com seu trabalho, a êle seja dada parte na responsabilidade da gestão, e possa aperfeiçoar-se a si mesmo em seu próprio trabalho."

Como estamos vendo, o verdadeiro progresso não é voltar ao regime de nossos negros escravos de 1800, que recebiam pão, roupa e casa dos seus senhores, como agora se promete, como sumo grau de progresso, no paraiso materialista do senhor o Estado.

O progresso está em fazer que o homem seja mais homem, na participação mais humana e digna em seus meios de produção, que êle tenha cada vez mais domínio consciente e livre, como adulto e responsável, no produzir e no distribuir o fruto de seu trabalho. Tudo evidentemente subordinado a uma finalidade superior de progresso, não apenas material, mas espiritual e humano. Razão por que, continua a Mater et Magistra:

"Segue-se daí que, se para produzir riquezas são empregados tais sistemas e estruturas que comprometem a dignidade humana de todos os que aí trabalham, ou enfraquecem o sentido de responsabilidade, ou tiram seu poder de agir livremente, êste sistema econômico, nós o julgamos injusto, ainda que, por hipótese, as grandes riquezas de seus produtos sejam distribuídas conforme as normas da justiça e da equidade."

Como se vê, não é em primeira linha a quantidade e a materialidade da riqueza que interessa mas a sua *qualidade,* e esta depende fundamentalmente da qualidade dos meios humanos ou deshumanos com que fôr produzida e distribuida.

Deixemos hoje por aqui tôdas essas questões de justiça, de riquezas, de produção, de escravidão, de responsabilidade e dignidade humana no produzir e no distribuir riquezas. Voltemos à sabedoria do Antigo e do Novo Testamento e ouçamos a palavra confiante daquele pobre ser humano que em sua aflição eleva sua voz a Deus, palavra que, no Introito de amanhã é reassumida como prece — a palavra do Salmo 85 — como palavra de tôda a humanidade que se dirige a Deus. "Inclina, Domine, aurem tuam ad me" é quase íntima de tão confiante essa maneira filial de se dirigir a Deus, pedindo que êle incline seu ouvido, que o aproxime de mim. — Salva-me, Deus meu, a mim que espero em ti — Na melodia gregoriana êsse "sperantem in te" é cheio de vigor e expressão entusiástica. Já a frase seguinte em que se pede a piedade de Deus para quem clama a todo instante: "miserere mihi Domine, quoniam ad te clamavi tota die," a melodia é grave e humilde. O verso do salmo é de alegria: pede-se a Deus a alegria para quem elevou sua alma até Êle. "Laetifica animam servi tui..." Vamos ouvir êste belo Intróito "Inclina Domine" do XV Domingo depois de Pentecostes que corresponde ao dia de amanhã, cantado pelo Côro dos Monges de Solesmes.

O canto gregoriano que freqüentemente ouvimos nêste nosso programa, como expressão autêntica e puríssima das vozes humanas que

procuram à Deus é o canto antiquíssimo da Igreja romana, canto oficial que contudo atravessou durante séculos um período de decadências, de corrupção de suas fórmulas mais tradicionais e genuínas e por fim de verdadeiro esquecimento. Coube ao Papa S. Pio X o ordenar oficialmente a restauração e publicação dessas melodias antigas, tesouro escondido no fundo das bibliotecas monásticas medievais que já vinham sendo desenterradas pelo zêlo e pela paciência dos monges de Solesmes.

Foi portanto graças à inspiração de um papa sábio, mas, mais santo do que sábio, que podemos dia a dia cantar os velhos textos clássicos do século VIII e IX. Amanhã justamente cantamos êste "Inclina Domine" festejando também Pio X, pois amanhã, 3 de setembro é a festa do grande Papa do início do nosso século, que vindo da Sé Patriarcal de Veneza, como agora João XXIII, começou a reinar em 1903, fechando os olhos para esta vida mortal às vésperas da primeira guerra mundial, em 1914.

A 13 de junho de 1954, quarenta anos depois de sua morte era solenemente canonizado por Pio XII em cerimônia magnífica na Praça de S. Pedro.

A S. Pio X bem se aplica a missa do XV Domingo que se celebra amanhã. Êle foi realmente o servo humilde que espera no Senhor, que pede misericórdia, dia a dia, pelos pecados do mundo. É aquele que vive do Espírito como fala a Epístola e que na alegria da simplicidade e pureza de coração sabe dizer com a sinceridade do Salmista: Como é bom louvar o Senhor e cantar o nome do Altíssimo.

É Êle que, como o Cristo, vem dar nova vida ao filho da viúva de Naim, êle vem dar vida aos velhos tesouros da Igreja que estão escondidos e como mortos. Não será demais dizer que sua obra de restaurador da disciplina canônica, da vida do culto e mesmo de restaurador do nosso maravilhoso canto romano, assume as proporções de uma verdadeira ressurreição na vida daquela que é mãe de todos os renascidos no Cristo. É como revivendo a figura de Pio X, é retomando as palavras que foram com tôda a propriedade as suas que amanhã levantamos as nossas vozes humanas para "rezar com beleza", como êle gostava de dizer, as palavras do Salmista emprestadas para o canto do Ofertório: "Exspectans; exspectavi Dominum": Esperando, esperei, maneira hebraica de dizer: Esperei com tôda a intensidade da confiança no Senhor e êle me olhou, e ouviu o meu pedido, e colocou em meu lábios um cântico novo, um hino a nosso Deus. Eis realmente as palavras próprias para S. Pio X. O cântico novo que Deus infundiu em seu coração de Santo foi o cântico da Verdade, da Humildade, o cântico da Caridade e a tudo isso corresponde maravilhosamente o canto gregoriano que êle ressuscitou como filho morto da viúva, para colocá-lo, em nome de Deus, em nossos lábios como cântico novo, como

hino a nosso Deus. Fêz ainda ressuscitar os inúmeros filhos mortos que a mãe viúva como que carregava pelas ruas para sepultar, quando num rasgo sobrenatural de inteligência e de caridade, abriu os tabernáculos para que fôsse distribuido amplamente e precocemente o Pão da vida aos que estivessem em condições de recebê-lo. A Antifona do Communio de amanhã não deixa passar essa especial comemoração e canta num primeiro modo cheio de expressão as palavras mesmas do Cristo como nos são comunicadas pelo Evangelho de S. João: "O Pão que eu darei, é minha carne para a vida do mundo."

Êle deu também sua vida pela vida do mundo. A caridade que transborda de seu coração fê-lo compreender que era o próprio Cristo que precisava ser dado, a Eucaristia, pão e corpo do Cristo que Êle deu para a vida do mundo.

Amanhã o Instituto Pio X em honra ao seu Santo Patrono cantará a Missa do XV Domingo depois de Pentecostes, no Colégio Santo Amaro à Rua General Polidoro, às 16,30. Para esta cerimônia considerar-se-ão convidados todos os que admiram o canto gregoriano restaurado pelo Santo Papa que festejamos amanhã.

Na Semana que amanhã começa, precisamente na 5.ª feira, 7 de setembro, completam-se 25 anos que sob o título de Rádio Ministério da Educação, começou a irradiar educação, progresso e cultura entre nossa gente, através do Brasil a emissora que aqui nos acolhe.

É com imensa satisfação que nos congratulamos com os que desde a velha Rádio Sociedade a trouxeram viva, confiante, eficaz, brasileira e universal até aqui.

Eis uma obra de grande alcance e de mérito que certamente continuará a honrar os 25 anos passados com mais 25 anos a serviço da cultura e direi mesmo da sabedoria de nossa gente, de nossa boa gente.

(Irradiado a 2-9-1961)

VIDA DO INSTITUTO PIO X

Realizou-se no dia 15 de maio p.p. a Missa que reuniu em tôrno de seu Pastor as alunas dos Colégios católicos do Rio de Janeiro.

Como estava programado, cantamos, sob a direção de D. João Evangelista Enout O.S.B., as três partes do Kyriale tiradas da Missa X, que marcará nossos movimentos de conjunto êste ano. Agradecemos às Mestras-Capela o bom trabalho que fizeram no primeiro trimestre de aulas. O resultado dêste incentivo do Louvor de Deus junto às meninas foi palpável. Obtivemos ótimo conjunto, bem ritmado, piedoso, de tôdas as alunas que cantavam. Pena é que todos os Colégios presentes (num total de quase mil alunas) não tivessem podido preparar a Missa. O grupo que cantava era numeroso; mas desejaríamos ver tôda a nave e as tribunas do grande Templo que é a Igreja de São Sebastião dos P.P. Capuchinhos, cantando numa só voz ao nosso Deus. Entretanto, preferimos voltar nossas vistas para o lado positivo que constitui verdadeiramente um passo à frente.

Não queremos deixar de assinalar êste outro aspecto da Missa que foi a dialogação em recto-tono. Foi bem, muito bem até. Quem sabe poderíamos entrar mais de acôrdo, no próximo ano, quanto às pausas? Isto é pormenor. O principal foi lançado. A assembléia fala, não está mais emudecida e alheia ao Altar. Dialoga em voz alta fazendo dos textos litúrgicos uma oração comum, vocal.

13 de Junho — Cantamos a Missa na Paróquia de Santo Antônio, dirigida pelos P.P. Franciscanos, de Duque de Caxias — Estado do Rio.

Nosso Côro era numeroso apesar da distância e do dia comum de trabalho e aulas. Éramos 22 (6 leigas e 15 Religiosas). Alternamos o Comum X e o Credo I com um grupo de 40 juvenistas preparadas por uma de nossas alunas; estas cantaram também com a Schola o Alleluia e a vocalise, o salmo so Introito e a Comunhão. Terminamos com o vibrante "Misericórdias Dómini".

11 de julho — Fomos convidados a cantar a Missa "Si díligis", já bem conhecida, no dia dedicado aos Religiosos em comemoração às Bodas de Ouro de Fundadação no Brasil das Religiosas do Sacré Coeur de Marie. A Missa foi cantada pela Schola do Instituto Pio X no Colégio Coeur de Marie do Rio. Nosso Diretor não podendo estar presente, dirigiu-a Irmã Maria Lina, O.P.

16 de julho — Início da Semana Gregoriana no Colégio Santo Amaro do Rio. Contamos com 141 Semanistas vindos de diferentes Estados — Sacerdotes, Religiosas, Seminaristas, alguns leigos. Falou-nos o Diretor do Instituto Pio X — D. João Evangelista Enout, O.B., na sessão de abertura, pouco antes da Missa Cantada que nos reuniria to-

dos para entregarmos a Deus êste nosso trabalho. Oferecemos o Santo Sacrifício da Missa especialmente nas intenções de D. Laura Moller Meirelles pelos onze anos de trabalhos no Instituto Pio X e de dedicação à causa gregoriana.

Como aplicação de todo estudo teórico, é costume realizarmos algumas Missas Cantadas e dialogadas no correr dos 10 dias. Assim, pudemos louvar cantando Santa Maria Madalena — dia 22. Missa no local da Semana.

Dia 23 — IX Domingo depois de Pentecostes, fomos a Bonsucesso, na Paróquia da Gráfica Editora Carioca onde é impressa nossa Revista Gregoriana para cantarmos a Missa e participamos da benção da nova casa e das máquinas. Com isto, quisemos expressar nossa gratidão pelos nossos editores pedindo a São Pio X que os proteja sempre, pois bem o merecem.

Dia 25 — São Tiago Apóstolo, nas intenções de nosso D.D. Cardeal Arcebispo, dialogamos inteiramente a Missa Comum e Próprio, em recto-tono na Capela do Colégio Santo Amaro.

Dia 26 — Sant'Ana, cantamos a Missa no Mosteiro de São Bento do Rio Alternando com os monges na Missa Conventual.

Sete Regiosas receberam o Certificado de Estudos Gregorianos — 3º Ano. Conferimos também um Certificado de Regência.

3 de setembro — Domingo, São Pio X. Apesar da situação difícil em que se encontrava nosso País pudemos reunir cerca de 130 alunas dos diferentes Colégios e a Schola do Instituto Pio X para cantarmos a Missa do XV Domingo, em honra do Padroeiro do Instituto Pio X do Rio de Janeiro. Oficiou-a nosso Diretor D. João Evangelista Enout, O.S.B. O Salmo do Introito e a Vocalise do Alleluia foram cantados também pelo grande grupo das alunas do Colégio Santos Anjos do Rio.

Pedimos que todos usem apenas o endereço abaixo indicado em tôda a sua correspondência conosco (C. Gregoriano, Revista Gregoriana, Curso por Correspondência e Método Ward):

INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO — RUA REAL GRANDEZA — 108 — BOTAFOGO RIO DE JANEIRO ESTADO DA GUANABARA

Os Cheques bancários e os Vales Postais devem também trazer êste endereço. Não os mandem nominais.

Gratos por esta colaboração de ordem.

18.ª SEMANA GREGORIANA

O trabalho de preparação e de divulgação do Canto Gregoriano empreendido há menos de 10 anos pelo Instituto Pio X do Rio de Janeiro tem sido intenso e frutuoso. Dirigido pela Irmã Marie-Rose Pôrto, O.P., êsse esfôrço foi realmente notável. Nada estava preparado para um trabalho dessa natureza em nosso meio. Como conseqüência da Quarta Carta Pastoral ("Música Sacra"), de D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo (ainda não Cardeal Arcebispo) do Rio de Janeiro, um movimento de renovação foi empreendido no terreno, até então abandonado, da música sacra.

A fundação do Instituto Pio X do Rio de Janeiro, pela Irmã Marie-Rose, antiga aluna do Instituto Gregoriano de Paris, foi o marco inicial de um renascimento cuja importância avulta cada dia. A "Revista Gregoriana", publicada pelo Instituto Pio X do Rio de Janeiro, bimensal, já está no seu 8.º ano de existência, e, desde algum tempo, representa a edição portuguêsa da "Revue Gregorienne de Solesmes" (França), sem prejuízo da matéria de produção local brasileira, impressa com excepcional bom gôsto, em ótimo papel.

O patrocínio dado pelo Instituto Gregoriano de Paris tem sido de fecundos resultados. O seu Diretor, Prof. Le Guennant visitou o Brasil, e dirigiu missa gregoriana, com 600 vozes, na Igreja da Candelária. Mais tarde, o seu principal auxiliar, Pe. Bihan também aqui estêve, e muito influiu na consolidação do movimento. Mais recentemente, um Mestre, Dom João Evangelista Enout, O.S.B., veio dar o seu pleno apoio a êsse esfôrço, e hoje é o Diretor da Revista ,e sempre, a seu lado, a presença dinâmica e devotadíssima da Irmã Marie-Rose, O.P.

De 16 a 26 de julho próximo findo, realizou-se a 18.ª Semana de Estudos de Canto Gregoriano. A cifra é por si mesma eloqüente: 18. Assim os encontros de mestres e futuros docentes da difícil disciplina reúnem-se com uma freqüência que poderá parecer, em nosso meio, quase inverossímil. Efetuaram-se em vários locais do território nacional, e esta 18.ª nesta Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, com pleno êxito.

Pude estar presente num ato culminante dessa 18.ª Semana, no domingo, 23 de julho, na Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, rua General Galieni. Ali, às 16 horas, foi cantada Missa, celebrada por sacerdote aluno do Curso de Gregoriano. O vasto côro dividido em feminino e masculino, constituído de religiosas e religiosos de várias ordens e congregações, ocupava a totalidade das localidades da nave, e foi dirigido por Dom João Evangelista Enout.

É manifesto que a causa está em promissor progresso. Vários são os Estados em que já existem conjuntos gregorianos, e de outros

já se pode esperar venham a contar com êles. Que algumas centenas de religiosos e religiosas viajem para participar duma Semana dedicada ao velho Canto Medieval, sempre igual a si mesmo, e de valor perene porque realiza a oração oficial da Igreja Católica (contra a qual não prevalecerão as portas do inferno), é fenômeno de excepcional relevância neste momento do mundo, tão atormentado, e percorrido por destruidores tufões de ceticismo, negação e de duro e determinado ânimo hostil a tôda a vida espiritual.

A Missa que, a convite da Irmã Marie-Rose, pude assistir, foi da mais nobre beleza e altanada gravidade, seguida do canto de Completas.

Com essa celebração, o Instituto Pio X prestava especialissima homenagem à Gráfica Emprêsa Editôra Carioca Ltda. (Avenida Guilherme Maxwell, 583-A, Inhaúma), que, desvelada e desinteressadamente vem imprimindo a "Revista Gregoriana", que tanto honra a nossa cultura e bem merece do Catolicismo no Brasil.

Andrade Muricy

(Transcrito do "Jornal do Commercio" de 2.8.1961)

☆ ☆

Livros em Revista

Recebemos os seguintes livros:

P. Pellegrino M. Ernetti O.S.B. "Il canto Gregoriano", vol II del Trattato Generale di Canto Gregoriano (Ritmica), Contrappunto verbale-melódico, simbiose verbale-melódica) Venezia — Roma 1961.

P. Pellegrino M. Ernetti O.S.B. "Parola-Música-Ritmo" Saggio fônico-musicale. Venezia — Roma 1961.

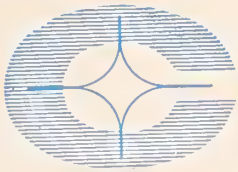
MICHEL QUOIST "Construir o homem e o mundo", tradução do original francês "Réussir" por Rose Marie Muraro, Livraria Duas Cidades, S. Paulo, 1961.

PITIRIM SOROKIN "A revolução sexual americana" Ed. Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1961.

IRENE TAVARES DE SÁ "Você, Êle e o Amor" AGIR, Coleção Juventude, Rio de Janeiro, 1961.

Referências aos mesmos foram ou serão feitas no programa "Vozes humanas à procura de Deus" Rádio Ministério da Educação, aos sábados às 13,30 horas, sendo posteriormente transcritas nesta Revista em sua secção de "Crônicas Radiofônicas" ou nesta mesma secção de "Livros em Revista".

Só Climax facilita o seu confôrto!



CLIMAX
VITORIA - 9,5 pés
Super Luxo

Cr$ **39.450,**

(PÔSTO S. PAULO)

- O melhor e mais moderno gabinete fabricado no País.
- O maior congelador existente, onde cabe um eitão ou um peru, inteiros (32.200 cm³)!
- Ampla gaveta plástica ("Quick Freezer") para o rápido congelamento de carnes e peixes.
- Possante e silencioso compressor P 91, econômico e de alto rendimento, fabricado sob licença da Tecumseh Products Co. (U.S.A.).

ISNARD & CIA. S. A. — Com. e Ind.

Av. São João, 1.400 - São Paulo

Indice geral da Revista Gregoriana 1961

		N.º	Págs.
	— 1961	43	2

ESPIRITUALIDADE E LITURGIA

D. CIRILO FOLCH GOMES O.S.B.	— O Ano Litúrgico	43	5
	— A Ascensão do Senhor	44	2
	— A Natividade de Maria	46	2
	— Epifania	48	2
	— Sermão de Santo Agostinho sôbre a Ressurreição de Cristo	43	16
	— Sermão de S. Pedro Damião sôbre a Natividade de Maria	46	5
D. JOÃO EVANGELISTA ENOUT, O.S.B.	— Liturgia e Contemplação	43	21
	— O Salmo **DE PROFUNDIS**	44	7
	— "Mater et Magistra'	47	11
D. BASÍLIO PENIDO, O.S.B.	— O "Diálogo das Carmelitas" e sua versão cinematográfica	45	4
D. TIMÓTEO AMOROSO ANASTÁCIO, O.S.B.	— De Precursor a Amigo	45	2

CANTO GREGORIANO

D. JOÃO EVANGELISTA ENOUT, O.S.B.	— Notas Históricas sôbre Canto Gregoriano"	45	10
	— "Tratatto Generale di Canto Gregoriano"	45	23
	— O Canto do "Credo"	47	5
	— O Ofertório da Epifania	48	7
D. E. CARDINE	— Salmódia dos Intróitos	43	31
	— " " "	44	17
IR. M.-ROSE PÔRTO, O.P.	— Esclarecimentos pedidos	43	45
	— " "	44	41
	— 3.º Livro de Canto Gregoriano	48	10
D. JEAN-CLAIRE PIERRE CARRAZ	— Ritmo e Modalidade	45	16
	— Esclarecimentos pedidos	46	27

CRÔNICAS DIVERSAS

	— IV.º Congresso Internacional de Música Sacra	44	37
	— O Canto na Oração da Igreja	47	2
	— O Latim Língua da Igreja	48	13

		N.º	Págs.
	— Critérios para distinguir a música sacra da profana	48	24
PE. AMARO CAVALCANTI	— Crônica sôbre o III.º Curso Nacional de Música Sacra	47	25

VIDA DO INSTITUTO PIO X

IR. MARIA JOSÉ CLÍMACO	— O Canto Gregoriano no Colégio Santa Inês (Salesianas de S. Paulo)	43	47
ANDRADE MURICY	— 18.ª Semana Gregoriana	47	50
A. GRISON	— Primeira Semana Gregoriana de Pôrto Alegre	44	49

BRASIL — WARD

IR. MARIA LINA, O.P.	— Aula inaugural da 1.ª Semana de Estudos do Método Ward, na cidade de São Paulo ,janeiro 1961	43	50
ODETTE HERTZ	— Sua classe Ward de 1.º ano — Traduzido de France-Ward n.º 1, dezembro 1951	45	38
	— Esclarecimentos — Traduzido de France Ward n.º 6, out.-nov. 1953	46	32
	— Classe Ward 1.º ano — Traduzido de France Ward n.º 2, fevereiro 1952	47	22
	— Classe Ward 11.º ano — Traduzido de France Ward n.º 2, fevereiro 1952	48	33
JUSTINE WARD	— "Música e inteligência" — Traduzido de France Ward n.º abril-maio de 1952	46	30
	— "O Canto Gregoriano e a Educação Infantil" — Traduzido de France Ward n.º 4, julho-agôsto 1952	47	19
	— "Educação musical das crianças" — Traduzido de France Ward n.º 2, fevereiro 1952	48	30

CRÔNICAS RADIOFÔNICAS

D.J.E.E.	— Santa Filomena — O Pão da vida — Jeanne — S. Pedro Pescador — Para o 7.º Domingo depois de Pentecostes	46	36
	— À margem dos fatos — Palavras de Deus, palavras dos homens — O Evangelho dos Lírios e dos pássaros — À procura do reino de Deus	47	28
	— Abuso do poder,, expiação, oração pela Paz — Encontro de duas torrentes — O nada à procura de tudo		

		N.º	Págs.
	— Um Rei que se adora — O poema do Juizo Final — O Senhor que sempre vem	48	48

FALANDO DE LITURGIA

PIERRE JOURNEL	— A Quaresma preparação para a Páscoa	43	41
H. OSTER	— Carta de um pároco aos pais de um confirmando	44	28
D.J.E.	— O "Diretório Litúrgico" da Província Eclesiástica de Pôrto Alegre	45	26
PIERRE CARRAZ	— Concurso de Arezzo	46	22
	— Porque então...?	46	14
ANDRADE MURICY	— A Ordem dos músicos interfere na Liturgia	46	18

LIVROS EM REVISTA

D. J. E.	— "Virilidade, Sexo e Amor" pelo Dr. François Goust — Agir, 1960	44	46
	— "A Juventude, o Evangelho e a Igreja' por ...A. Liégé — Livraria Duas Cidades. São Paulo, 1960	44	47
	— "Convertidos do Século XX" pelo P. F. Lelotte S.J. — Agir, 1960	44	48
	— "Spiritualité de la voix" por Lucie de Vienne — Ed. du Cerf. Paris, 1960	48	44
D .E. A.	— "A Origem e a Interpretação da Biblia" por D. Charlier, O.S.B. — Editorial Aster. Lisboa — Livraria Flamboyant. São Paulo, 1959	45	29
	— "A Bíblia Escola de Oração' por D. L. Leloir — Edições Paulinas. São Paulo, 1960.	48	39
	— "Carlos de Focauld e a fraternidade" por Denise e Robert Barrat — Agir. Rio, 1961	48	42
D. C. G.	— "Jesus" por Jean Guitton — Ed. Itatiaia. B. Horizonte, 1960	45	33

DISCOS EM REVISTA

PE. AMARO CAVALCANTI	— "Paixão segundo S. Mateus' de Bach	44	43
	— "Cantatas n.º 3 2e 152" de Bach	44	44
	— "Concerti-Grossi" — Opus 6 de Arcangelo Corelli	46	24
	— Concêrtos para cravo — Vivaldi e Bach	46	25

LEITOR E AMIGO,

Saldando sua assinatura de 1962, presenteie seus amigos com uma assinatura da REVISTA GREGORIANA.

FOR LIBRARY USE ONLY.

Princeton Theological Seminary Library

1 1012 01459 9197

FOR LIBRARY USE ONLY